



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 280 - Abril 2025

*Manancial
inexaurível de
misericórdia*



O estudo piedoso da doutrina católica é uma ocasião para progredirmos na vida espiritual, uma fonte de alegria neste vale de lágrimas e um utilíssimo meio de nos unirmos mais a Deus. Por isso, no intuito de lhe ajudar a compreender melhor as verdades da Fé e a trilhar os caminhos da virtude, a plataforma de formação dos Arautos do Evangelho põe à sua disposição uma coleção de **mais de 40 cursos on-line**.

São mais de **380 horas de aulas em vídeo**, nas quais você poderá alimentar sua espiritualidade, crescer no conhecimento do Sagrado Magistério e se encantar com a história da salvação no Antigo Testamento e nos dois milênios de existência da Igreja Católica.

Benefícios de se aprofundar na Fé Católica com os Arautos do Evangelho:

Formação de excelência

Cursos ministrados por teólogos e catequistas experientes.

Doutrina na prática

Aprenda a viver os ensinamentos da Igreja no dia a dia.

Base teológica sólida

Educação fiel aos ensinamentos da Igreja.

Comunidade ativa

Compartilhe experiências e cresça espiritualmente com outros alunos.

Espiritualidade de beleza

Aprofunde-se na arte sacra, Liturgia e tradições que elevam a alma.



QUERO ME INSCREVER



WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS ARAUTOS
ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS



TRANSMISSÃO DA SANTA MISSA
DIARIAMENTE ÀS 19H (HORA DE BRASÍLIA)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIV, nº 280, Abril 2025

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 285,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 24,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➔ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➔ EDITORIAL	
A misericórdia que abraça a justiça	5
➔ A VOZ DOS PAPAS	
A misericórdia não exclui a justiça	6
➔ A LITURGIA DOMINICAL	
A única obra escrita por Jesus	8
Proclamação da realeza de Cristo	9
O sustento para a certeza da vitória	10
Três lições de misericórdia	11
➔ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Mistério de amor inimaginável!	12
➔ TEMA DO MÊS –	
APARIÇÕES DE JESUS MISERICORDIOSO	
A SANTA FAUSTINA	
A misericórdia de Deus manifestada	
aos homens.	16
O diário de uma alma eleita	20
➔ O QUE DIZ O CATECISMO?	
O maior ato de misericórdia	23
➔ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Na via gloriosa dos becos sem saída.	24
➔ SÃO TOMÁS ENSINA	
Epifania da onipotência	27
➔ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
A Renascença – O passado tem novidades ..	28
➔ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
O meu lugar é... exatamente o meu lugar! ..	32
➔ VIDA DOS SANTOS	
Santo Hermano José – Um segundo José	34
➔ DONA LUCILIA –	
LUZES DE UMA MATERNAL INTERCESSÃO	
Dona Lucilia, ajudai-me!	38
➔ ARAUTOS NO MUNDO	42
➔ VERDADES CATÓLICAS	
Uma virtude oculta em simples palavras ...	46
➔ VOCÊ SABIA... ..	49
➔ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
Entre o mosteiro e o “shopping center”	50



João Paulo Rodrigues

12 Confiança inabalável no perdão do Redentor



Emellet (CC by-sa 4.0)

16 “Que o pecador não tema se aproximar de Mim”



Jörg Bittner Unna (CC by 3.0)

28 Renascença: passado ou presente?



Jörg Bittner Unna (CC by 3.0)

50 Palácio? Não... Um hospital de caridade!

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

No artigo "Atuando no passado, presente e futuro...", da edição de janeiro, Mons. João fala que "podemos rezar pelos falecidos muito depois da sua morte, para impedir que o demônio exerça sua ação sobre eles, e para que recebam uma graça eficaz de conversão na hora da agonia ou tenham uma boa morte, confiantes na misericórdia divina e na bondade maternal de Nossa Senhora, de maneira que suas almas saiam dos corpos com tranquilidade, alegria e júbilo, e possam subir aos Céus da forma mais bela". Mas e se a pessoa não se salvou? Nós rezamos para que ela tenha tido uma boa morte, se convertido no último instante ou para que tenha sido salva. Mas, se a pessoa não se converteu, não se arrependeu de seus pecados a tempo – ou não quis se arrepender –, existe valor nesta oração?

Verônica Dias Gonçalves - Via revista.arautos.org

Quando se fala de oração, é preciso levar em conta dois elementos a ela relacionados: a eficácia e o mérito.

Considera-se eficaz a oração quando a súplica é ouvida favoravelmente e alcança seu objetivo. Há nos Santos Evangelhos numerosos relatos de pedidos feitos a Nosso Senhor e que Ele atendeu de imediato: recuperação da vista, libertação de endemoninhados, cura de leprosos... Trata-se de incontáveis milagres decorrentes de uma prece formulada com fé e humildade, como esta do leproso: "Senhor, se queres, podes limpar-me" (Lc 5, 12).

Contudo, nem sempre a oração é eficaz. Isso acontece por diversos motivos, tais como: por falta de fé, de confiança ou de perseverança; porque aquilo que pedimos não convém à nossa salvação; finalmente, porque não depende só de Deus e de nós que a oração seja atendida, mas também da pessoa pela qual suplicamos, pois esta, no uso de sua liberdade, pode rejeitar as graças que a nossa oração lhe obtém.

Segundo São Tomás, requerem-se quatro características para que a oração seja eficaz: pedir por si mesmo, pedir coisas necessárias à salvação, pedir com piedade e com perseverança (cf. *Suma Teológica*. II-II, q.83, a.15, ad 2). A primeira condição, que parece um incentivo ao egoísmo, na realidade é apenas uma precisão teológica. Ainda ao tratar da oração na *Suma Teológica*, o Doutor Angélico incentiva vivamente a se rezar pelo próximo:

"Devemos pedir na oração o que devemos desejar. Devemos desejar bens não só para nós, como também

para os outros. Isto faz parte do amor que se deve ter ao próximo [...]. A caridade exige que oremos pelo próximo. Confirma-o Crisóstomo: 'Orar para si, a necessidade obriga; para os outros, exorta-nos a caridade'. É mais agradável a Deus a oração, não motivada pela necessidade, mas recomendada pela caridade fraterna" (a.7).

Desse modo, fica claro que a oração feita em favor do próximo é sobremaneira agradável a Deus; contudo, nem sempre resulta eficaz. No que consiste, então, seu valor? O próprio São Tomás responde:

"Às vezes acontece que a oração feita para o outro seja ineficaz, embora seja piedosa, perseverante e relativa à salvação, devido ao impedimento da parte daquele por quem oramos. Jeremias ouviu do Senhor: 'Se estivessem Moisés e Samuel perante Mim, não inclinaria meu coração para este povo' (Jr 15, 1). Todavia, a oração será meritória para quem ora, se o faz por caridade, segundo diz o salmista: 'A minha oração voltará ao meu peito' (Sl 34, 13). A *Glosa* assim explica: 'Embora não lhes tenha sido proveitosa, eu não perdi o merecimento'" (a.7, ad 2).

Portanto, no caso levantado por Da. Verônica mesmo que a oração não seja eficaz quanto à intenção colocada, terá o valor de obter méritos com vistas à vida eterna para quem a fez e, portanto, lhe será utilíssima. Adicionalmente podemos dizer que Deus, ao receber tal prece, possui o poder soberano de aplicá-la em qualquer outra intenção útil para o bem das almas e da Santa Igreja, motivo pelo qual uma oração nunca é feita em vão.



A MISERICÓRDIA QUE ABRAÇA A JUSTIÇA

Entre os estoicos reputava-se a misericórdia uma fraqueza humana ou mesmo uma *agritudo animi*, uma doença da alma. Nessa esteira, não caberia ao homem verdadeiramente virtuoso se compadecer da miséria alheia. Para Aristóteles, somente seria digno de comiseração o desafortunado que não cometesse atos vis. Já os que os cometessem, seriam antes objeto de reprovação, jamais de piedade.

Nosso Senhor, porém, mostrou que a misericórdia deveria se dirigir seja aos que padecem de uma miséria fortuita, seja aos pecadores, os quais foram beneficiários da Redenção. Mais: o Salvador revelou que veio para os miseráveis, os doentes, e não para os sadios (cf. Mc 2, 17).

Mas é preciso compreender bem o que significa a misericórdia e quem são os miseráveis.

Santo Agostinho define a misericórdia como “a compaixão que o nosso coração experimenta pela miséria alheia, que nos leva a socorrê-la, se o pudermos” (*De Civitate Dei*. L.IX, c.5). Ora, a miséria se opõe à felicidade, ou seja, à plena satisfação da posse do bem, o qual todos os homens desejam por natureza. Donde o Bispo de Hipona complementa: “Só é feliz aquele que tem tudo quanto quer [o bem] e nada quer de mau” (*De Trinitate*. L.XIII, c.5).

Ao contrário do que o utilitarismo prega, a maior miséria humana não é a pobreza ou a privação de qualquer bem temporal, mas o pecado. Por isso o Bom Pastor veio, antes de tudo, para curar esta chaga.

Nos últimos tempos, muito se tem falado da misericórdia divina no âmbito teológico e pastoral, enfatizando sobretudo a sua natureza ilimitada. De fato, “Deus é rico em misericórdia” (Ef 2, 4). Além disso, como ensina o Doutor Angélico, a misericórdia é a maior das virtudes quando referida a Deus, “porque é próprio dela repartir-se com os outros e, o que é mais, socorrer-lhes as deficiências. Isso é muitíssimo próprio do que é superior. Ser misericordioso é próprio de Deus, e é pela misericórdia que Ele manifesta ao máximo sua onipotência” (*Suma Teológica*. II-II, q.30, a.4).

Sem embargo, quando hoje se fala de misericórdia esquece-se com frequência de sua causa final: a *emenda das deficiências*, para a união com Deus e consequente felicidade, a bem-aventurança no Céu. Ora, isso não se dá por uma simples “tolerância”, por um anódino “diálogo” ou mesmo pela indiferença em relação ao pecado. Misericórdia não é complacência. Ao contrário, ela se mostra “intransigente” ao buscar a salvação do pecador a todo custo.

Por isso as grandes misericórdias às vezes se dão por intermédio de ingentes ações punitivas. E nesse sentido Deus foi infinitamente misericordioso na aplicação das penas a Adão e Eva, no dilúvio, na confusão das línguas e na maior das dores, a Cruz de Cristo. Não raro o sofrimento é um “mensageiro divino” em extremo eficaz para resgatar os miseráveis de sua miséria. Com efeito, “o pai que poupa a vara a seu filho o odeia” (Pr 13, 24).

Nesse panorama, Nossa Senhora mostrou-Se efetivamente Mãe de Misericórdia em Fátima, como anunciadora não só da felicidade eterna para quem se convertesse, mas também do castigo como meio dissuasório de sua justiça e porta da misericórdia divina. Em Deus, a misericórdia é tão sublime que abraça até a justiça. ✠



Crucifixo - Basílica
de Nossa Senhora
do Rosário,
Caieiras (SP)

Foto: Gustavo Kralj



A misericórdia não exclui a justiça

Justiça e misericórdia são realidades distintas apenas para os homens. Em Deus, ambas coincidem: não existe uma ação justa que não seja também um gesto de misericórdia e de perdão, e não há uma ação misericordiosa que não seja perfeitamente justa.

A MISERICÓRDIA É O PRÓPRIO NOME DE DEUS

A misericórdia é o núcleo da mensagem evangélica, é o próprio nome de Deus, o rosto com o qual Ele Se revelou na Antiga Aliança e plenamente em Jesus Cristo, encarnação do Amor criador e redentor. Este amor de misericórdia ilumina também o rosto da Igreja, e manifesta-se quer mediante os Sacramentos, em particular o da Reconciliação, quer com as obras de caridade, comunitárias e individuais.

Excerto de: BENTO XVI.
Regina Caeli, 30/3/2008

MAS HÁ VERDADES MENOS AGRADÁVEIS DE SE OUVIR...

É agradável ouvir dizer que Deus tem por nós tanta ternura, maior ainda que a de uma mãe pelos seus filhos, como afirma Isaías. Como é agradável e nos parece natural! [...]

Diante de outras verdades, pelo contrário, há dificuldades. Deus tem de castigar, precisamente se eu Lhe resisto. Ele corre atrás de mim, suplica-me que me converta e eu digo: Não. Quase sou eu que O obrigo a castigar-me. Isto não é agradável, mas é verdade de Fé.

Excertos de: JOÃO PAULO I.
Audiência geral, 13/9/1978

EM DEUS, MISERICÓRDIA E JUSTIÇA SE ENTRELAÇAM

Justiça e misericórdia, justiça e caridade [...] são duas realidades diferentes só para nós, homens, que distinguimos atentamente um ato justo de um gesto de amor. Para nós, justo é “aquilo que é devido ao outro”, enquanto misericordioso é aquilo que é doado por bondade. E uma coisa parece excluir a outra.

Mas para Deus não é assim. N’Ele, justiça e caridade coincidem: não existe uma ação justa que não seja também um gesto de misericórdia e de perdão e, ao mesmo tempo, não há uma ação misericordiosa que não seja perfeitamente justa.

Excertos de: BENTO XVI.
Discurso, 18/12/2011

O MESMO JESUS QUE TRANSBORDA DE MISERICÓRDIA TAMBÉM CASTIGA

Está em voga em alguns círculos eliminar primeiramente a divindade de Jesus Cristo, e em seguida não falar mais que de sua suprema mansidão, de sua compaixão por todas as misérias humanas, de suas prementes exortações ao amor ao próximo e à fraternidade. Certamente Jesus nos amou com um amor imenso, infinito,

e veio à terra para sofrer e morrer a fim de que, reunidos junto a Ele na justiça e no amor, animados pelos mesmos sentimentos de caridade mútua, todos os homens vivam em paz e felicidade.

Entretanto, para a realização dessa felicidade temporal e eterna, Ele impôs, com soberana autoridade, a condição de que se forme parte de seu rebanho, que se aceite sua doutrina, que se pratique a virtude e que se deixe ensinar e guiar por Pedro e seus sucessores. Pois, se Jesus foi bom para com os extraviados e pecadores, Ele não respeitou suas convicções errôneas, por muito sinceras que pudessem parecer; Ele os amou a todos para os instruir, converter e salvar. [...]

Se seu Coração transbordava de mansidão para com as almas de boa vontade, Ele soube igualmente armar-Se de santa indignação contra os profanadores da Casa de Deus (cf. Mt 21, 13; Lc 19, 46), contra os miseráveis que escandalizavam os pequenos (cf. Lc 17, 2), contra as autoridades que sobrecarregavam o povo com onerosas cargas, sem mover um só dedo para o aliviar (cf. Mt 23, 4). Ele foi tão enérgico quanto doce; repreendeu, ameaçou, castigou, sabendo e nos ensinando que com frequência o temor é o começo da sabedoria

(cf. Pr 1, 7; 9, 10) e que às vezes convém cortar um membro para salvar o corpo (cf. Mt 18, 8-9).

Excertos de: SÃO PIO X.
Notre charge apostolique,
25/8/1910

A PALAVRA DE DEUS É EXIGENTE E SACODE AS CONSCIÊNCIAS

Essa mansidão e humildade de coração de modo algum significa debilidade. Ao contrário, Jesus é exigente. Seu Evangelho é exigente. Não foi Ele que advertiu: “Quem não toma sua cruz e não Me segue, não é digno de Mim”? E pouco depois: “Aquele que preserva sua vida a perderá, e aquele que perde sua vida por Mim a encontrará” (Mt 10, 38-39). Trata-se de uma espécie de radicalismo não só na linguagem evangélica, mas nas exigências reais do seguimento de Cristo. [...]

Jesus quer nos fazer compreender que o Evangelho é exigente, e que exigir significa também sacudir as consciências, não permitir que se acomodem numa falsa “paz”, na qual se tornam cada vez mais insensíveis e obtusas à medida que nelas as realidades espirituais esvaziam-se de valor, perdendo toda ressonância. [...]

Jesus é exigente. Não é duro nem inexoravelmente severo, mas forte e sem equívocos quando chama alguém a viver na verdade.

Excertos de: SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 8/6/1988

POR MISERICÓRDIA, A IGREJA DEVE AFIRMAR A VERDADE

Tudo o que a Igreja diz e realiza, manifesta a misericórdia que Deus sente pelo homem, portanto, por nós. Quando a Igreja deve reafirmar uma verdade menosprezada, ou um bem



João Paulo Rodrigues

Nosso Senhor transbordava de mansidão para com as almas de boa vontade, mas sabia igualmente armar-se de santa indignação contra os profanadores da Casa de Deus

Jesus expulsa os vendilhões do Templo -
Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, Belém (PA)

traído, fá-lo sempre estimulada por amor misericordioso, para que os homens tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10, 10).

Excerto de: BENTO XVI.
Regina Caeli, 30/3/2008

A GRAÇA NÃO MUDA A INJUSTIÇA EM DIREITO

Deus é justiça e cria justiça. Tal é a nossa consolação e a nossa esperança. Mas, na sua justiça, Ele é conjuntamente também graça. Isto podemos sabê-lo fixando o olhar em Cristo crucificado e ressuscitado. Ambas – justiça e graça – devem ser vistas na sua justa ligação interior. A graça não exclui a justiça. Não muda a injustiça em direito. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo que tudo quanto

se fez na terra termine por ter o mesmo valor.

Excerto de: BENTO XVI.
Spe salvi, 30/11/2007

A ÚLTIMA PALAVRA É O PERDÃO, PARA OS CORACÕES ARREPENDIDOS

Deus recorre ao castigo e a outras admoestações como meio para congregar na reta via os pecadores surdos. A última palavra do Deus justo é, contudo, a do amor e do perdão; o seu desejo profundo é poder abraçar de novo os filhos rebeldes que voltam para Ele com o coração arrependido.

Excerto de:
SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 13/8/2003

QUE NINGUÉM MENOSPREZE A BENIGNIDADE DE DEUS!

Refleti nisso, caríssimos irmãos: a bondade divina eliminou qualquer escapatória a nosso endurecimento; o homem já não pode encontrar escusas.

Deus é desprezado e espera; vê-Se desdenhado, mas dirige um novo apelo; suporta a injustiça desse desdém e chega ao ponto de prometer recompensar os que algum dia retornem a Ele.

Mas que ninguém faça pouco caso dessa longanimidade, pois no Juízo Ele imporá uma justiça tanto mais severa quanto maior tenha sido a paciência manifestada antes do Juízo. [...] Ele é chamado pagador paciente porque, ao mesmo tempo que suporta os pecados dos homens, lhes paga o salário devido. Mas aqueles que suporta por mais tempo para que se convertam, Ele os condena mais severamente se não o fazem.

Excertos de:
SÃO GREGÓRIO MAGNO.
Homilias sobre o Evangelho.
Homilia XIII, n.5



A única obra escrita por Jesus



✠ Pe. Erick Maria Bernardes Marchel, EP

*As únicas
palavras
escritas
pelo Divino
Redentor,
segundo
registram os
Evangelhos,
mostram-nos
suas intenções
mais
profundas
em relação à
humanidade
pecadora*

Transcorria a que era considerada por muitos como a mais santa das comemorações judaicas, a Festa das Tendias. Com todo o povo reunido em torno de Jesus, criou-se uma ocasião oportuna para seus inimigos tentarem fazê-Lo cair em uma armadilha.

Apresentaram-Lhe uma mulher surpreendida em flagrante adultério, argumentando que, segundo Moisés, ela devia ser apedrejada (cf. Jo 8, 3-5). Entretanto, a lei promulgada pelo grande profeta do Antigo Testamento – “Se um homem cometer adultério com a mulher do próximo, o adúltero e a adúltera serão punidos com a morte” (Lv 20, 10) – pressupunha o envolvimento de duas pessoas. Onde se encontrava o segundo criminoso?

Quicá não seria ele um dos acusadores que, a exemplo de seus antecessores – velhos encarquilhados no mal (cf. Dn 13, 52) –, havia chantageado com êxito uma débil filha de Israel, fazendo-a prevaricar?

O fato é que Nosso Senhor Jesus Cristo encontrava-Se diante da maquiavélica questão: absolver a adúltera, rompendo a Lei Mosaica; ou, condenando-a, infringir a Lei Romana, que vedava aos judeus o direito de vida e morte.

“Cristo e a mulher adúltera” - Igreja de San Bernardino alle Ossa, Milão (Itália)

Seguros de haverem encurralado o Divino Mestre, os fariseus O observavam com atenção. Mas Ele, “inclinando-Se, começou a escrever com o dedo no chão” (Jo 8, 6).

A atitude de Jesus e o conteúdo da inscrição causam discussões entre os exegetas, mas digno de destaque é o fato de tratar-se da única menção nos Evangelhos de que Ele tenha escrito algo. Inclinou-Se e escreveu. Terá sido uma forma de desdenhar aqueles que desejavam condená-Lo?

São Jerônimo¹ partilha a hipótese de que as palavras que Nosso Senhor traçou no chão, diante de todos os circunstantes, revelavam os pecados cometidos pelos acusadores, merecedores da mesma punição assinalada para a adúltera. Enriquecendo sua censura escrita com a grave, harmoniosa e distinta resposta “Quem dentre vós não tiver pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra” (Jo 8, 7), o Salvador produziu um surpreende efeito: eles “foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos” (Jo 8, 9).

Não havendo mais acusadores nem testemunhas, o processo se encerrava, segundo as legislações mosaica e romana. Tratava-se de uma derrota vergonhosa para os fariseus. O Justo e Divino Juiz dirige-Se então à ré para pronunciar a sentença, acrescentando uma recomendação: “Eu também não te condeno. Podes ir, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8, 11).

Se o Apóstolo Virgem, por desígnio divino, não nos deixou como legado em seu Evangelho as palavras escritas nas “páginas” desta sublime obra composta por Nosso Senhor Jesus Cristo durante sua esmagadora vitória sobre os mestres da Lei e os fariseus, não podemos negar que nas entrelinhas lê-se claramente, em letras cintilantes, o seu título: *O perdão*. ✠

¹ Cf. SÃO JERÔNIMO. *Adversus pelagianos*. L.II, n.17: PL 23, 553.



Proclamação da realeza de Cristo

✠ Pe. Fabio Hideki Kobayashi, EP



O Domingo de Ramos marca o início da Semana Santa, período de profunda reflexão e significado, que culminará na festa mais importante do Ano Litúrgico: a Páscoa da Ressurreição. O trecho do Evangelho de São Lucas (Lc 19, 28-40) escolhido para a procissão deste dia narra a entrada triunfal de Nosso Senhor em Jerusalém, um evento carregado de simbolismo.

A imagem de Jesus montado em um jumentinho é muitas vezes interpretada como sinal de sua humildade. No entanto, uma análise aprofundada revela uma mensagem mais complexa e rica sobre sua realeza, que Ele mesmo proclamará diante de Pilatos: “Sim, Eu sou Rei!” (Jo 18, 37).

Era reconhecido na Antiguidade o direito de requisição, que consistia na prerrogativa real de requerer qualquer bem dos súditos. Ao ordenar que seus discípulos trouxessem um jumentinho, Jesus faz valer esse direito:

“Se alguém vos perguntar por que o soltais, respondereis assim: ‘O Senhor precisa dele’” (Lc 19, 31).

Além disso, o Evangelista observa que os discípulos “fizeram Jesus montar” (Lc 19, 35) no jumentinho. Esta frase ecoa as palavras usadas por Davi ao ordenar que seu filho fosse coroado: “Fazei montar na minha mula o meu filho Salomão e levai-o a Gion. Ali o sacerdote Sadoc e o profeta Natã o ungirão rei de Israel” (I Rs 1, 33-34).

As multidões que acompanhavam Nosso Senhor, compreendendo imediatamente tais evocações,

estenderam seus mantos pelo caminho – um gesto de honra, reconhecimento real e submissão –, como fizeram os servos de Eliseu ao ungirem Jeú como soberano, abrindo suas capas no chão em acatamento de sua autoridade (cf. II Rs 9, 13). Este ato, juntamente com os brados de “Bendito o Rei que vem em nome do Senhor!” (Lc 19, 38), proclamava Jesus como o Rei messiânico esperado.

Assim aclamado na sua entrada em Jerusalém, o Redentor demonstra, entretanto, uma realeza singular, distinta dos padrões mundanos de autoridade e domínio. Trata-se de um Rei que, paradoxalmente, Se humilha até a morte para libertar seus súditos do pecado e reconciliá-los com Deus: como constatamos na proclamação da Paixão feita neste dia, Ele tem como coroa os espinhos, como trono a Cruz, como cetro o amor incondicional. Nosso Senhor não busca o poder para

Si, mas o utiliza a fim de servir e amar, revelando a verdadeira face da realeza divina: um amor que se entrega e se sacrifica para a salvação de todos.

Sigamos o exemplo de Nosso Senhor, o Rei que Se fez Servo, e aprendamos com Ele a amar e a servir com humilde generosidade. Que nesta Semana Santa possamos dar provas sinceras de nossa devoção por meio do propósito de viver de acordo com a Lei de Deus, para assim celebrar a Páscoa com um coração renovado e cheio de esperança. ✠



“Entrada de Cristo em Jerusalém”,
por Lippo Memmi - Igreja Colegiada de
Santa Maria Assunta, San Gimignano (Itália)

Numa sublime proclamação de sua realeza, cheia de ricos simbolismos, Nosso Senhor apresenta-Se como Rei disposto a uma entrega completa em favor de seus amados súditos

O sustento para a certeza da vitória

Pe. Louis Goyard, EP



A despeito das aparentes derrotas do bem ao longo da História e, sobretudo, do terrível cenário de nossos dias, a Ressurreiçáo de Nosso Senhor é penhor inabalável de vitória para os bons

A Ressurreiçáo de Nosso Senhor Jesus Cristo, a mais solene comemoraçáo do Ano Litúrgico, constitui a festa da vitória absoluta do bem sobre o mal, que dá sentido a toda a História. Para Deus, que está fora do tempo, ela é um eterno presente; para nós, é a celebraçáo presente de uma vitória passada, que garante o triunfo futuro e definitivo.

Trata-se, sem dúvida, do penhor de nossa própria ressurreiçáo, mas sobretudo da demonstraçáo de que Deus vence sempre, ao nos infundir a certeza do cumprimento de seu plano para a criaçáo.

Como se forma essa certeza em nós?

Na primeira leitura (At 10, 34.37-43) São Pedro insiste sobre a importância do testemunho. Quais são as testemunhas por ele apresentadas? Em primeiro lugar, as obras que Jesus realizou, as quais atestam que o Pai O tinha enviado (cf. Jo 5, 36); a seguir, aqueles que acompanharam Nosso Senhor,

presenciando a consecuçáo dessas obras; por fim, o imenso cortejo das almas fiéis à tradiçáo da Igreja, mediante a qual se estabelece uma continuidade ao longo dos séculos, de testemunha a testemunha, passando por nós até chegar ao fim do mundo.

Já no Evangelho (Jo 20, 1-9) encontramos algumas das circunstâncias históricas da Ressurreiçáo, comprovada por muitas pessoas, cujo testemunho deu início a esta imensa esteira de luz.

Assim, se temos mérito em crer na Ressurreiçáo de Cristo pela adesáo à Fé da Igreja, a vitória de Cristo sobre o mal é mera consequência lógica dessa mesma Fé, pois Ele afirmou já ter vencido o mundo (cf. Jo 16, 33).

Esse triunfo, sem dúvida, se tornará definitivo apenas no Juízo Final. Até lá se multiplicarão os vaivéns, e as conquistas de Deus parecerão efêmeras... Mas elas não o são, se consideradas no conjunto mais amplo da História. Com efeito, uma guerra se compõe de vários embates, cada qual com episódios diversos. Há êxitos e insucessos, mas, ao cabo das batalhas, um só vencedor: tendo derrotado os adversários, seus piores reveses serão a sua maior glória!

Vendo o mal grassar sobre a terra, poderíamos duvidar dessa vitória final de Deus. Ora, a Ressurreiçáo de Nosso Senhor vem justamente proclamar o contrário: nenhum poder humano conseguiu derrotá-Lo, nem a morte dominá-Lo. Quem será capaz de opor-Lhe resistência?

Ora, tudo quanto se afirmou da “inderrotabilidade” de Cristo pode e deve ser aplicado à Igreja, em virtude da promessa de imortalidade que a assiste (cf. Mt 16, 18), inúmeras vezes comprovada ao longo da História. Como duvidar de ser Ele capaz de cumpri-la?

Assim, a festa da Páscoa é fonte de galhardia e brio por sermos cristãos, ajudando-nos a lutar com denodo até o fim e a participar, com Cristo, de sua vitória! ✠



“A Ressurreiçáo”, por Maestro dell’Osservanza - Instituto de Artes, Detroit (Estados Unidos)

Reproduçáo

Três lições de misericórdia

✠ Pe. Francisco Berrizbeitia Hernández, EP



O Evangelho do II Domingo da Páscoa, São João recolhe três grandes lições de misericórdia de Jesus Cristo para com sua Igreja.

Ao aparecer no Cenáculo, as primeiras palavras de Nosso Senhor são: “A paz esteja convosco!” (Jo 20, 19). Com essa saudação transmite a serenidade que durante sua Paixão e Morte na Cruz havia faltado aos Apóstolos, acovardados pela perspectiva de perder a própria vida. A paz de Cristo era o antídoto sobrenatural de que eles precisavam.

Como efeito dessa paz, Jesus comunica a seus Apóstolos o Divino Paráclito e institui o Sacramento da Penitência, conferindo-lhes o poder de perdoar os pecados: “Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, eles lhes serão perdoados; a quem os não perdoardes, eles lhes serão retidos” (Jo 20, 22-23). Estabelecia assim o mais elevado tribunal da terra, no qual o próprio Cristo, na pessoa de seus ministros, absolve de suas culpas o penitente arrependido.

Oito dias depois, a paz é também infundida na alma do Apóstolo São Tomé, o mesmo que havia pedido para seguir a Cristo, recebendo a revelação de que Ele era “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6). Após a Morte de Jesus, porém, tomado pelo medo, pela incredulidade e pela falta de confiança, aquele discípulo negava-se a acreditar em sua Ressurreição. “Vimos o Senhor”, diziam-lhes

seus irmãos, ao que ele replicava: “Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos e não puser a mão no seu lado, não acreditarei!” (Jo 20, 25). O Divino Mestre paternalmente chamou-o junto a Si e atendeu seu pedido, concluindo: “Não sejas incrédulo, mas fiel” (Jo 20, 27).

Estava certamente na vocação de Tomé ensinar aos povos que o verdadeiro e único caminho a seguir é aquele por ele aprendido dos lábios do Redentor. O Senhor lhe permitiu essa prova para que, vencido o obstáculo, o Apóstolo se tornasse uma testemunha fiel de sua Pessoa e levasse a Boa-Nova aos confins da terra. De fato, ele evangelizou a Pérsia e a Índia, onde morreu martirizado. Há misteriosos indícios inclusive, colhidos nas tradições indígenas de nosso continente, de pregações suas na América.

Guardemos as três grandes lições que Nosso Senhor nos dá neste domingo dedicado à sua misericórdia: buscar a paz de Cristo é o único caminho a seguir para que a humanidade, submersa nas trevas da incredulidade, possa se reerguer; se nossa consciência nos acusa de alguma falta, não hesitemos em procurar o tribunal de misericórdia, que é a Confissão, e então obteremos a paz; quando nossa alma se sentir envolvida pelas trevas da incerteza, sigamos o que São Tomé aprendeu de Jesus: “Tende confiança, Eu venci o mundo” (Jo 16, 33). ✠



Jesus aparece aos Apóstolos no Cenáculo - Igreja de São Miguel e Todos os Anjos, Southwick (Inglaterra)

Ao aparecer a seus discípulos após sua Ressurreição, Jesus lhes dirige três palavras, que se apresentam hoje como via segura para a humanidade transviada



Mistério de amor inimaginável!

À vista de nossas faltas e imperfeições, não devemos nos afligir, pois nossas misérias nos proporcionam o meio mais fácil de atingir os píncaros da santidade.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Nunca me esquecerei de um bonito episódio, contado com detalhes por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, que se deu com uma família muito distinta, de boa tradição e fortuna, pertencente à aristocracia de São Paulo, na época em que ele era pequeno. Um casal não podia ter filhos. Ambos, porém, lamentavam-se e estavam desejosos de adotar uma criança à altura da sua condição, que pudesse dar continuidade ao nome deles.

Certo dia receberam em casa a visita de uma senhora, conduzindo nos braços uma menina. Esta pobre mãe narrou sua história entre lágrimas, dizendo que passava por dificuldades familiares e financeiras, não tendo meios de educar aquela bebê. Sabendo que o casal queria ter descendência, oferecia sua filha para que eles a criassem.

Os dois esposos se entreolharam... Entenderam-se por intuição e resolveram declinar a oferta, porque não sentiam segurança naquele caso. Mas a mãe aflita, querendo salvar a menina, descobriu-lhe um pouco o pé e insistiu:

— Inclusive ela nasceu defeituosa, porque tem um pezinho torto. Eu não possuo recursos sequer para pagar

uma consulta médica, e ela vai crescer assim...

Então, a dona da casa se tomou de compaixão, olhou para o marido uma segunda vez e exclamou:

— Coitadinha! Vamos cuidar dela?

Ao que ele respondeu:

— Bem, se você quiser, estou de acordo.

E ficaram com a menina. Esta se desenvolveu recebendo muito boa educação; os pais de adoção lhe trataram o pé e orientaram-na como deveria caminhar, de modo que ela andava com um pequeno defeito, mas que a tornava elegante. Mais tarde conseguiram-lhe um ótimo casamento, constituíram-na herdeira de todos os seus bens e ela se

projetou na sociedade paulista, dando sequência ao nome daquela família.

***É necessário retificar
o conceito de autoridade***

Para certo tipo de mentalidade revolucionária, esse fato pode causar arrepio. Com efeito, no convívio do mundo, no colégio e até na própria família, incute-se em nossa geração o pânico em relação a qualquer autoridade, criando-se uma enorme dificuldade de compreender a misericórdia. Por exemplo, quando uma criança erra, a reação temperamental daqueles que lhe são superiores em geral é de reclamar e querer castigar.

Ora, o jovem cresce com um trauma psicológico e uma tremenda insegurança, a ponto de, se lhe acontecer de cometer uma falta, ele facilmente desanimar e cair no pessimismo, julgando não ter mais solução para sua vida. Pois a ideia que está aninhada em sua alma é de que Deus, sendo infinitamente mais do que aqueles que o educaram, também vai pisá-lo, arrasá-lo e destruí-lo, se encontrar nele alguma falha. E não é verdade! Uma alma formada assim não chegou a conhecer quem é Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Por certo tipo
de mentalidade
revolucionária, nossa
geração possui uma
enorme dificuldade
em compreender
a misericórdia*

Por isso Dr. Plínio costumava tomar como exemplo a história daquela menina, para convencer as pessoas da benevolência do Sagrado Coração de Jesus por quem se apresenta a Ele como miserável; pois foi no reconhecimento por parte da mãe de que a filha tinha um pé torto, como que pedindo misericórdia, que a outra senhora resolveu adotá-la. Assim também, certas debilidades movem a Deus de maneira especial a nos assumir como filhos.

É necessário, então, reconstruir a psicologia humana de forma correta, de modo que, tratando-se de uma autoridade autêntica e posta por Deus, o normal seja que tenhamos inteira confiança. Nas pessoas santas, o motivo da misericórdia não se fundamenta na virtude ou nos méritos do outro, mas parte de um “instinto” que ama porque quer amar, e comove-se diante das deficiências para ajudar a consertá-las! Quando alguém falha por fraqueza – e não por maldade ou ódio a Deus, o que aconteceria no caso de um recalcitrante – demonstra que não tem forças e que, portanto, precisa ser objeto de bondade.

São Tomás de Aquino¹ levanta a pergunta de qual é a maior das virtudes, e demonstra que em nós, criaturas, é a caridade, porque por ela nos unimos a Deus, nosso Superior. Mas em Deus, que não tem ninguém acima de Si, é a misericórdia.

Amor ao miserável

Aliás, o nome *misericórdia* provém da composição de duas palavras latinas: *miser* – miserável, e *cor* – coração, pela relação existente entre este e os sentimentos afetivos. Ou seja, misericórdia é amor ao miserável. Por quê? Justamente por causa da sua miséria.

Tal princípio vale, em particular, para aqueles que são sacerdotes. Se,

antes de subir aos Céus, Nosso Senhor deixou o Sacramento da Confissão como o meio instituído para reconciliar os pecadores com Ele, importa que aquele que se ajoelha no confessional não veja o ministro, mas considere a Jesus Cristo. Por isso é dever do padre, enquanto desdobramento de Nosso Senhor, fazer um trabalho apostólico junto às almas desviadas, para trazê-las novamente ao redil.



Confissão - Igreja de São Domingos, Columbus (Estados Unidos)

Deus Se comove diante de nossas deficiências, pois quando alguém falha por fraqueza, demonstra que não tem forças e que precisa ser objeto de bondade

Sobretudo no caso da geração atual, um confessor nunca deve ralar com o penitente, mas ouvi-lo com calma e animá-lo muito, procurando dissipar os pensamentos que atormentam e produzem escrúpulos. Do contrário, poderá provocar medo a ponto de a pessoa se afastar, com receio de declinar suas faltas.

Em certa ocasião li um bonito fato ocorrido na França, na época em que o protestantismo se espalhava por todas as partes. Um cavaleiro, que numa discussão arrancara a espada e matara outro, sentia-se atormentado pelo remorso. Enquanto atravessava uma estrada, viu um templo protestante, desceu do cavalo e entrou para desabafar sua angústia com o pastor.

Este, ao escutar o relato do homicídio, imediatamente reagiu indignado, alegando ser um crime tão grande que clamava a Deus por vingança e não tinha perdão, mas precisava ser denunciado.

O cavaleiro, assustado, saiu rapidamente e desapareceu pelo caminho. Mais adiante, chegaram-lhe os ecos de um toque de sino e ele avisou uma igreja católica. Parou e perguntou a uma idosa que saía se haveria algum padre que pudesse atendê-lo. Diante da resposta afirmativa, ele entrou, ajoelhou-se no confessional e exclamou:

— Padre, sou um assassino... Eu matei!

Do interior ouviu-se uma voz serena e paciente, que indagava:

— Quantas vezes, meu filho?...

O fato é eloquente por si mesmo; entretanto, como explicá-lo? Trata-se de uma participação do sacerdote católico nessa fonte inesgotável de perdão e bondade que é Nosso Senhor Jesus Cristo. E afirmo isso por experiência própria. Desde que me tornei sacerdote e passei a me sentar no confessional, às vezes acontece de eu

ficar pasmo ao perceber que não me espanto com os maiores horrores que lá são declarados; pelo contrário, sinto maior amor pelas almas e enorme desejo de lhes fazer o bem. Então penso: “Se eu reajo assim com aqueles que se arrependem, como será a reação de Deus, que é a Perfeição?!”

Esquecer as faltas e amar com alegria

Por isso, devemos sair da Confissão com a certeza absoluta de que, no momento em que o sacerdote, emprestando sua laringe e sua voz para Nosso Senhor, disse “Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”, fomos perdoados pelo próprio Jesus Cristo, que prometeu: “Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 23).

E Ele não só nos perdoa, mas não Se lembra mais das nossas culpas, como encontramos naquela famosa passagem do profeta Miqueias: “Qual

Deus existe, como Tu, que apagas a iniquidade e esqueces o pecado daqueles que são resto de tua propriedade? Ele não guarda rancor para sempre, o que ama é a misericórdia. Uma vez mais, tende piedade de nós! Esquecei as nossas faltas e jogai nossos pecados nas profundezas do mar!” (7, 18-19). Ou como diz o Salmo: “O Senhor é indulgente, é favorável, é paciente, e bondoso e compassivo. Não fica sempre repetindo suas queixas, nem guarda eternamente seu rancor” (102, 8-9).

*O Sagrado Coração
de Jesus tem prazer
em curar e converter
alguém que é
miserável e, dessa
forma, realizar algo
maravilhoso em nós*

Ora, se Deus não recorda nossos pecados, por que nós nos lembramos deles? Isso ocorre pelo fato de esquecermos com frequência a felicidade que o chamado à santidade nos traz. Como somos limitados, ao voltar nossa capacidade de atenção para rememorar as nossas faltas, não nos sobram meios de amar aquilo que devemos. Mas, se nos deixamos arrebatados pela excelência das dádivas que o Senhor nos concede, então o pensamento das misérias se esvai e desaparece toda tristeza.

Encanta-me o gesto lindíssimo da Ir. Benigna Consolata Ferrero, visitandina falecida no começo do século XX. Ela estava escrevendo com uma pluma de ganso longa, como se usava naqueles tempos, e de repente, por um movimento brusco, a pluma bateu numa imagem do Menino Jesus que estava sobre a mesa, e a imagem caiu ao chão. A religiosa logo se ajoelhou, apanhou o Menino Jesus e osculou-O. Depois, olhando com piedade para a imagem, disse: “Meu Jesus, se eu não Vos tivesse derrubado, não Vos daria um beijo!”²

Note-se que ela não chorou nem se lamentou, porque conhecia perfeitamente o contentamento de Nosso Senhor quando Lhe é dada a oportunidade de perdoar. E depois daquele episódio, para o resto da vida, ela passou a se relacionar com o Menino Jesus com uma intensidade de amor que não tinha antes.

Assim acontece conosco: o melhor meio de progredirmos na vida espiritual consiste em amar! Quanto mais amarmos, mais subiremos. E devemos compreender que, quando tivermos a infelicidade de andar mal e nos ajoelharmos para bater no peito – dizendo como o leproso do Evangelho: “Senhor, se queres, podes curar-me!” (Mt 8, 2) –,



“A cura do paralítico” - Igreja de São Luís, Grenoble (França)

o Sagrado Coração de Jesus Se alegrará, porque Ele tem prazer em converter alguém que é miserável e, dessa forma, realizar algo maravilhoso em nós, que jamais seria feito se houvesse plena fidelidade da nossa parte.

Que mistério de amor inimaginável! Ó benefício dos “pés tortos”! Bendita a “perna inutilizada”, que nos proporciona o meio mais fácil de subir aos píncaros da santidade! Usando a frase de um abalizado teólogo, podemos exclamar: “Bendito o pecado, que nos revelou, como nenhuma outra coisa, o entranhável amor de Deus!”³

Dois caminhos: desespero ou confiança

Nesse sentido, consideremos dois pecados que foram cometidos numa mesma noite: Judas trai e Pedro nega... Ah, justamente Pedro, o Apóstolo que mais amava Jesus, que prometera jamais abandonar o Mestre! Ele, portanto, depois de Judas foi quem mais pecou, porque os outros fugiram, mas ele formalmente negou, e três vezes!

Não obstante, Judas se desespera e Pedro obtém perdão. Por quê? Porque este soube pôr seus olhos nos olhos do Senhor (cf. Lc 22, 61-62).

Se Judas também, após a traição, tivesse procurado Nosso Senhor na Cruz e, mesmo sem dizer nada, apenas pedido perdão com dor, no interior da alma, Jesus seria capaz de destacar a mão do cravo e dizer: “Meu filho, vá que teu pecado está perdoado!”

Isso encontramos nas revelações de Nosso Senhor a Sórora Josefa Menéndez: “Não é o pecado o que mais fere o meu Coração... O que O dilacera é que não venham refugiar-se



Teresita Morazzani

Mons. João em outubro de 2020

Aqueles que sofrem o peso de seus defeitos, saibam que muito mais geme o Imaculado Coração de Maria para lhes obter a graça do perdão

n’Ele, depois de o terem cometido. [...] Quem poderá compreender a dor intensa de meu Coração quando vi lançar-se à perdição eterna essa alma [a de Judas] que havia passado três anos na escola de meu amor? [...] Ah, Judas! Por que não vens atirar-te

a meus pés, para que Eu te perdoe? Se não ousas aproximar-te de Mim, por medo dos que Me cercam, maltratando-Me com tanto furor, ao menos olha para Mim! Verás quão pronto meus olhos se fixam em ti!”⁴

Também hoje existem dois tipos de pecadores: os que confiam e os que se desesperam. Qual dessas duas categorias vamos imitar?

Confiemos, então, nessa bondade e nesse perdão. Não devemos nos afligir à vista de nossas faltas e imperfeições, mas levarmos em consideração este ponto importantíssimo, que faço notar muito incisivamente: nossas misérias conquistam o olhar compassivo de Nossa Senhora e movem-Na a nos amar ainda mais. Portanto, aqueles que sofrem o peso de seus defeitos, saibam que muito mais geme o Imaculado Coração de Maria para lhes obter a graça do perdão e a liberalidade extraordinária de Nosso Senhor Jesus Cristo. ✠

Excertos de exposições orais proferidas entre os anos de 1992 e 2009

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.30, a.4.

² Cf. SISTERS OF THE VISITATION. *Sister Benigna Consolata Ferrero*. Washington, DC: Georgetown Visitation Convent, 1921, p.71.

³ CABODEVILLA, José María. *Discurso del Padrenuestro. Ruegos y preguntas*. Madrid: BAC, 1971, p.319.

⁴ MENÉNDEZ, RSCJ, Josefa. *Un llamamiento al amor*. 7.ed. Madrid: Religiosas del Sagrado Corazón, 1998, p.266; 405-406.

A misericórdia de Deus manifestada aos homens

“Deus a ninguém negará a sua misericórdia. O céu e a terra poderão mudar, mas não se esgotará a misericórdia de Deus”.

✠ **Matheus Henrique Vieira Gavioli**



Os Santos Evangelhos revelam em suas inspiradas páginas a riqueza de matizes da Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, em alguns de seus infinitos atributos. Ora transparece a cólera divina d'Aquele que, sozinho, expulsa dezenas de vendilhões do Templo (cf. Jo 2,13-17), ora sua santa indignação ante a dureza de alma dos fariseus (cf. Mc 3, 5), ora sua

intransigência com o pecado manifestada mesmo ao perdoar a adúltera apanhada em flagrante (cf. Jo 8, 11).

Há, entretanto, certa passagem evangélica que parece constituir um dos auge na revelação da bondade de Jesus: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e fatigados sob o peso dos vossos fardos, e Eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e vós encontrareis descanso. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11, 28- 30).

Por misteriosos desígnios, parece ter sido este o aspecto de sua própria Pessoa que Nosso Senhor mais quis manifestar nos últimos séculos: “manso e humilde de coração”. Des-

de o século XVII, quando apareceu a Santa Margarida Maria Alacoque, o Sagrado Coração de Jesus não deixou de revelar a almas eleitas os arcanos de sua infinita misericórdia. E o início do século XX nos traz um impressionante exemplo dessa realidade.

Uma alma eleita

Helena Kowalska nasceu na localidade de Głogowiec, na Polônia, sendo a terceira de dez filhos de uma família de aldeões. Desde os sete anos de idade sentiu o chamado à vocação religiosa, mas seus pais se lhe opuseram. Procurava também ela encobrir esse apelo divino em sua alma, resignando-se a permanecer no mundo. Todavia, inquirida por uma visão de Jesus sofredor e por suas palavras de repreensão – “Até quando hei de ter paciência contigo e até quando tu Me desiludirás?”¹ – tomou a firme resolução de entrar no convento.

Após muitas tentativas de ingresso em outras casas religiosas, Helena transpôs a clausura do convento da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, em Varsóvia, no dia 1º de agosto de 1925. Ali recebeu o nome de Ir. Maria Faustina e iniciou sua vida dentro das grades sa-



Gustavo Kralj

Santa Faustina Kowalska -
Basílica de Corpus Christi, Cracóvia (Polônia)

*Santa Faustina foi
uma das almas eleitas
por Deus para revelar
ao mundo os arcanos de
infinita misericórdia
do Sagrado Coração
de Jesus*

gradas, onde lhe seriam revelados grandes mistérios.

Sempre se mostrou exímia em seus deveres religiosos e em suas obrigações para com a comunidade. No trato com as irmãs da congregação, ninguém era mais sacrificada e humilde, apesar das dificuldades que encontrava no convívio, precisamente por causa das comunicações sobrenaturais que recebia, as quais causavam desentendimentos e – quem sabe? – despertavam invejas. Porém, tudo isso não fazia senão lhe fortalecer a alma, com vistas ao cumprimento de sua missão.

A imagem de Jesus Misericordioso

Em certo momento, Nosso Senhor manifesta-lhe o desejo de que seja pintada uma imagem sua, bem como se institua uma festa litúrgica, um terço e uma novena em honra da Divina Misericórdia.

A respeito da visão que teve sobre a imagem, no dia 22 de fevereiro de 1931, Faustina escreve: “À noite, quando me encontrava na minha cela, vi Nosso Senhor vestido de branco. Uma das mãos erguida para a bênção, e a outra tocava-Lhe a túnica, sobre o peito. Da túnica entreaberta sobre o peito saíam dois grandes raios, um vermelho e o outro pálido. Em silêncio, eu contemplava o Senhor; a minha alma estava cheia de temor, mas também de grande alegria. Logo depois, Jesus me disse: ‘Pinta uma imagem de acordo com o modelo que estás vendo, com a inscrição: *Jesus, eu confio em Vós*. Desejo que esta imagem seja venerada, primeiramente, na vossa capela e, depois, no mundo inteiro. Prometo que a alma que venerar esta imagem não perecerá. Prometo também, já aqui na terra, a vitória sobre os inimigos e, especialmente, na hora da morte. Eu mesmo a defenderei como minha própria glória”².



Quadro original da Divina Misericórdia,
por Eugeniusz Kazimirowski - Santuário da
Divina Misericórdia, Vilnius (Lituânia)

*Nosso Senhor pediu à
Santa que fosse pintada
uma imagem d'Ele,
segundo lhe aparecia
em visão, e prometeu
graças especiais aos
que a venerassem*

Ao sair da Confissão, durante a qual narrou a seu confessor o pedido de Jesus a respeito da imagem, a religiosa ouviu em seu interior estas palavras:

“Desejo que haja a Festa da Misericórdia. Quero que essa imagem, que pintarás com o pincel, seja benzida solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa, e esse domingo deve ser a Festa da Misericórdia. Desejo que os sacerdotes anunciem essa minha grande misericórdia para com as almas pecadoras. Que o pecador não tenha medo de se aproximar de Mim. Queimam-Me as chamas da misericórdia; quero derramá-las sobre as almas”³.

Ao pedir a Santa Faustina que a imagem seja abençoada no primeiro domingo depois da Páscoa, Nosso Senhor mostra que tudo quanto ela expressa está intimamente ligado com a Liturgia deste dia, no qual a Igreja proclama o Evangelho de São João sobre a aparição de Jesus ressuscitado no Cenáculo e a instituição do Sacramento da Penitência (cf. Jo 20, 19-29).

A imagem representa justamente Jesus ressuscitado, que trouxe a todos os homens a remissão dos pecados e a salvação pelo preço de sua Morte na Cruz.

Dois raios que defendem as almas

A respeito dos dois raios, Jesus comunica seu significado a Santa Faustina, que escreve em seu diário: “O raio pálido significa a água que justifica as almas; o raio vermelho significa o Sangue que é a vida das almas. Ambos os raios jorraram das entranhas da minha misericórdia, quando na Cruz, o meu Coração agonizante foi aberto pela lança. Estes raios defendem as almas da ira do meu Pai. Feliz aquele que viver à sua sombra, porque não será atingido pelo braço da justiça de Deus”⁴.

A água que justifica as almas é o Santo Batismo, e o Sangue recorda a Eucaristia, que dá vida à alma. Esses dois Sacramentos são indispensáveis a todo católico: o primeiro nos abre as portas da filiação divina, configuran-



do-nos com Cristo, e o segundo constitui a fonte e o ápice da vida da Igreja. É por meio da recepção do Sacramento do Altar que aperfeiçoamos tudo o que recebemos no Batismo.⁵

O transbordamento do amor de Deus estampado numa imagem

Ora, qual seria a mais profunda intenção do Divino Redentor com a confecção desta imagem? Desejava Ele deixar estampado em uma tela aquilo que transbordava de seu Coração: a misericórdia. Ao contemplar a pintura, os homens se lembrariam das promessas de Jesus e se abandonariam a Ele com maior confiança.

Nosso Senhor associou a essa imagem promessas especiais de salvação, de grandes passos na vida espiritual e de uma santa morte, além de outros dons que os homens peçam a Ele: “Por meio dessa imagem concederei muitas graças às almas; que toda alma tenha, por isso, acesso a ela”.⁶

E Santa Faustina conseguiu realizar os desejos de Jesus. Durante o tríduo que precedeu o término do encerramento do Jubileu da Redenção do mundo, nos dias 26 a 28 de abril de 1935, a

imagem, pintada pelo artista Eugeniusz Kazimirowski, foi pela primeira vez exposta ao público no alto de uma janela em Ostra Brama – uma das portas da cidade de Vilnius e importante centro de peregrinação –, sendo vista por todos. Por “coincidência” essa solenidade caiu no domingo depois da Páscoa, no qual deveria ser celebrada a Festa da Misericórdia segundo o pedido de Jesus à sua confidente.⁷

A Festa da Misericórdia

Mas Nosso Senhor desejava uma festa oficial em honra de sua Divina Misericórdia. O Salvador revelou em algumas ocasiões seus anseios a esse respeito:

“Desejo que a Festa da Misericórdia seja refúgio e abrigo para todas as almas, especialmente para os pecadores. Neste dia, estão abertas as entranhas da minha misericórdia. Deramo todo um mar de graças sobre as almas que se aproximam da fonte da minha misericórdia. A alma que se confessar e comungar alcançará o perdão das culpas e das penas. Nesse dia, estão abertas todas as comportas divinas, pelas quais fluem as graças.

A Festa e o terço da Misericórdia foram outros meios estabelecidos por Nosso Senhor para derramar seu perdão sobre a humanidade pecadora

Que nenhuma alma tenha medo de se aproximar de Mim, ainda que seus pecados sejam como o escarlata. [...] As almas se perdem, apesar da minha amarga Paixão. Estou lhes dando a última tábua de salvação, isto é, a Festa da Misericórdia. Se não venerarem a minha misericórdia, perecerão por toda a eternidade”.⁸

Manifestou Ele também o desejo de que nesse dia os sacerdotes pregassem sobre a misericórdia do alto dos púlpitos. As almas deveriam sentir, por meio das palavras dos ministros sagrados, o alcance do perdão de Deus a todos os pecadores.

O terço e a novena da Divina Misericórdia

Entre os dias 13 e 14 de setembro de 1935, Jesus ditou o terço da misericórdia, como meio para aplacar a ira de Deus. O próprio Senhor ensinou o que deveria ser rezado: “Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e dos do mundo inteiro; pela sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós”.⁹

A prece, que constitui o centro do terço da misericórdia, deveria ser recitada conforme a divisão revelada à confidente de Deus: “Essa oração serve para aplacar minha ira. Tu a recitarás por nove dias, por meio do terço do Rosário, da seguinte

maneira: primeiro dirás o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo. Depois, nas contas de Pai-Nosso, dirás as seguintes palavras: ‘Eterno Pai, eu Vos ofereço o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de vosso diletíssimo Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, em expiação dos nossos pecados e dos do mundo inteiro’. Nas contas de Ave-Maria rezarás as seguintes palavras: ‘Pela sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro’. No fim, rezarás três vezes estas palavras: ‘Deus santo, Deus forte, Deus imortal, tende piedade de nós e do mundo inteiro’”.¹⁰

Feita com sinceridade e humildade, essa oração obtém graças abundantes de conversão e uma boa morte, o que é necessário a todo homem nesta terra de exílio.

“Uma era onde o Sagrado Coração de Jesus mais brilhará”

No dia 5 de outubro de 1938, Ir. Maria Faustina do Santíssimo Sacramento entregava sua alma ao Criador, após suportar grandes sofrimentos. Com seu holocausto, o culto à misericórdia começou a se propagar e nasceu a Congregação das Irmãs de Jesus Misericordioso.¹¹

A atualidade da devoção à Divina Misericórdia torna-se mais evidente a cada dia. Por ocasião da Missa de canonização de Santa Faustina, a 30 de abril de 2000, o Papa João Paulo II deixou-nos a esse respeito uma profunda consideração: “O que nos trarão os anos que estão diante

de nós? Como será o futuro do homem sobre a terra? A nós não é dado sabê-lo. Contudo, é certo que ao lado de novos progressos não faltarão, infelizmente, experiências dolorosas. Mas a luz da misericórdia divina, que o Senhor quis como que entregar de novo ao mundo através do carisma da Ir. Faustina, iluminará o caminho dos homens do terceiro milênio”.¹²

De fato, nunca os homens precisaram de tanta misericórdia como nos dias em que vivemos. Nosso fundador, Mons. João, comentava certa vez que “o Sagrado Coração de Jesus tem sede de perdoar e uma capacidade infinita de fazê-lo. Mas, para isso, Ele precisa de pessoas ‘erradas’, como São Paulo, a fim de perdoá-las. [...] E é por isso que a era histórica em que o Sagrado Coração de Jesus mais brilhará será a nossa”.¹³

Eis a única condição que esse bondoso Coração impõe para sermos objetos de seu amor: apresentar nossos erros e correr ao seu encontro com con-

O Sagrado Coração de Jesus tem sede de perdoar, e só exige de nós que Lhe apresentemos nossos erros e corramos ao seu encontro com confiança

fiança sem limites, certos de que Ele nos receberá com transbordamentos de misericórdia. ✠



Juan Carlos Villagómez

Sagrado Coração de Jesus - Igreja de São Domingos, Cuenca (Equador)

¹ SANTA FAUSTINA KOWALSKA. *Diário*, n.9. 35.ed. Curitiba: Mãe da Misericórdia, 2009. As demais citações do diário, todas transcritas desta mesma edição, serão indicadas apenas pela numeração interna da obra.

² Idem, n.47-48.

³ Idem, n.49-50.

⁴ Idem, n.299.

⁵ Cf. BENTO XVI. *Sacramentum caritatis*, n.17.

⁶ SANTA FAUSTINA KOWALSKA, op. cit., n.570.

⁷ Cf. Idem, n.89.

⁸ Idem, n.699; 965.

⁹ Idem, n.475.

¹⁰ Idem, n.476.

¹¹ Entre as revelações feitas por Nosso Senhor a Santa Faustina, estava a de fundar uma congregação que teria por objetivo a difusão do culto da Divina Misericórdia. A Ir. Faustina não conseguiu realizar este desejo de Jesus em vida, mas após a sua morte, por esforço do Beato Miguel Sopoćko, seu confessor e diretor espiritual, a con-

gregação começou a desenvolver-se e no dia 2 de agosto de 1955 foi erigida canonicamente pelo administrador apostólico de Gorzów Wielkopolski, o Pe. Zygmunt Szczęsny.

¹² SÃO JOÃO PAULO II. *Homilia*, 30/4/2000.

¹³ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. Caieiras, 12/9/2009.



O diário de uma alma eleita

Ao cabo de seis simples cadernos, Santa Faustina havia legado à Igreja um dos mais autênticos tratados a respeito da Misericórdia Divina que a História conheceria.



✚ Ir. Mariana Iecker Xavier Quimas de Oliveira

A genuína literatura cristã bem pode ser comparada a uma imensa arca, onde se encontram os mais preciosos tesouros.

Nada falta a este universo de maravilhas: nele estão presentes desde os escritos dos Padres da Igreja, que nos oferecem os mais sólidos fundamentos da Fé Católica, até as grandes sumas de Teologia, para não falar dos tratados de mística ou moral, das catequeses, das hagiografias, das meditações de retiros, das leituras piedosas... Trata-se de obras e mais obras, frutos do amor a Deus e da experiência de gerações, que constituem abundante alimento espiritual para os católicos de todos os tempos.

Ora, se analisamos essa imensa produção literária nascida da Igreja,

muitas vezes nos deparamos com um verdadeiro paradoxo: monumentos de escrita, obras realizadas por gigantes do pensamento veem-se, por vezes, preteridas em prol de páginas delineadas quase sem recursos estilísticos, na simplicidade de uma narração cuja única grandeza reside na profundidade de seu conteúdo.

Como explicar essa contradição? A resposta parece estar no fato de que poucas coisas enaltecem tão bem o poder divino quanto a debilidade humana, na qual se revela totalmente a força de Deus (cf. II Cor 12, 9).

Desse modo, não nos admiraria que por meio da *História de uma alma* – para citarmos apenas um exemplo – se tenham operado mais conversões nos últimos tempos que na leitura de

qualquer obra patrística... Afinal de contas, o mesmo Deus que inspirou sublimidades de grandeza vertiginosa a um São João Crisóstomo, a um Santo Ambrósio ou mesmo a um Santo Agostinho, pode também associar os humildes escritos de uma desconhecida freira carmelita – como era Santa Teresinha do Menino Jesus – à renovação espiritual de milhares, talvez milhões, de fiéis. São os arcanos da Providência...

Fenômeno similar tem-se dado em torno de um livro muito difundido nas últimas décadas: o *Diário de Santa Faustina*, também conhecido como o *Diário da Divina Misericórdia*, seis manuscritos que testemunham o amor infinito de um Deus desejoso de acolher, perdoar e santificar as almas.

Diário de Santa Faustina

*O Diário da Divina Misericórdia
testemunha o amor
infinito de um
Deus desejoso de
acolher, perdoar e
santificar as almas*



Escrito por obediência

O texto foi redigido pela Santa no decurso de seus quatro últimos anos de vida, por ordem expressa de seu confessor e do próprio Nosso Senhor Jesus Cristo. Em 4 de junho de 1937, o Redentor a ela Se dirigia nestes termos: “Minha filha, sê diligente em apontar cada frase que te digo sobre minha misericórdia, porque estão destinadas a um grande número de almas que dela obterão proveito”.¹

Numa linguagem singela, mas impregnada daquela unção sobrenatural que só a virtude pode conferir, a religiosa narra a história de sua vocação e consigna seus propósitos e lutas espirituais, sem esconder as dificuldades e tentações que lhe advêm. Poderia haver prova maior da pureza de intenção desta humilde redatora, bem como da autenticidade de suas revelações, que a simplicidade admirável de seus relatos?

Em meio a descrições de graças místicas extraordinárias, eis que frases como estas pontuam o diário do início ao fim: “No que concerne à Confissão, elegerei o que mais me humilha e custa. Às vezes, uma ninharia mais que algo grande”; ou “As regras que desobedeço com mais frequência: às vezes, interrompo o silêncio, desobedeço ao chamado da campainha, às vezes meto-me nos deveres dos outros; envidarei máximos esforços para me corrigir”.²

Na divina escola da misericórdia

Acima de tudo, o diário constitui-se do extraordinário relato das aparições de Jesus Misericordioso, suas palavras, seus desejos e seus conselhos. Ao cabo de seis cadernos, Santa Faustina havia legado à Igreja um dos mais autênticos tratados a respeito da Misericórdia Divina que a História conhecera.

Desde as primeiras páginas, a religiosa reconhece a gratuidade de sua eleição para tão alta missão sobrenatural. E não só. Julga indispensáveis suas misérias e debilidades, a fim de

que a misericórdia do Salvador nela se manifeste em toda a sua magnitude: “Sei bem o que sou por mim mesma, porque Jesus descortinou-me aos olhos da alma todo o abismo de minha miséria e, por isso, dou-me perfeitamente conta de que tudo quanto

outra olho para o abismo da tua misericórdia, ó Deus”.³

De muitos modos Nosso Senhor procura ensinar sua aprendiz a trilhar as vias do abandono e da confiança: “Minha filha, que nada te assuste nem te perturbe, mantém uma profunda tranquilidade, tudo está em minhas mãos”.⁴ O desejo de Nosso Senhor é bem claro: Faustina deve comportar-se em relação a Deus como uma criança nos braços de seu pai. “Quero ensinar-te a infância espiritual”, diz-lhe Jesus em outra ocasião, “quero que sejas muito pequena, já que sendo pequenina te levo junto ao meu Coração”.⁵

Uma lição repassada de bondade

Um dia, tendo a religiosa exposto a Nosso Senhor suas necessidades espirituais com certo temor e angústia, d’Ele pôde ouvir esta sublime lição:⁶

— Imagina que és a rainha de toda a Terra e que tens a possibilidade de dispor de tudo como melhor te pareça. Tens toda a possibilidade de fazer o bem que te agrade e, de repente, à tua porta bate um menino muito pequeno, a tremer-se todo, com lágrimas nos olhos, mas com grande confiança em tua bondade, que te pede um pedaço de pão para não morrer de fome. O que farás? Como te comportarás em relação a este menino? Responde-me, minha filha.

Ao que Faustina disse:

— Jesus, eu daria a ele tudo o que me pedisse, mas também mil vezes mais.

— Assim – concluiu o Salvador – Me comporto Eu com tua alma.

“Tu Me agradas acima de tudo por meio do sofrimento”

O aprendizado nesta divina escola estaria incompleto se deixasse de contemplar uma realidade indissociável da santidade. O próprio Nosso Senhor afirmaria certa vez: “Muitas vezes Me chamas por Mestre. Isto é agradável



Santa Faustina nos últimos anos de vida

*Numa linguagem
singela, mas
impregnada de
unção sobrenatural,
Santa Faustina
narra a história
de sua vocação*

há de bom em minha alma é apenas sua santa graça. O conhecimento de minha miséria me permite conhecer ao mesmo tempo o abismo de tua misericórdia. Em minha vida interior, com uma vista olho para o abismo de miséria e baixeza que eu sou, com a

ao meu Coração. Mas não esqueças, aluna minha, que és aluna de um Mestre crucificado. Que te baste esta única palavra. Tu sabes o que se encerra na Cruz”.⁷ Pouco a pouco, Jesus pôde revelar a esta alma eleita os mistérios que envolvem a terrível e luminosa estrada do sofrimento.

Com acerto o ditado popular afirma que se conhecem os verdadeiros amigos nas horas difíceis. É no sofrimento que o amor se acrisola e se manifesta em todo o seu esplendor. Assim, não poderia Faustina oferecer a Deus o tributo da confiança separado da oferta da dor. Ambos deveriam estar sempre unidos: “Minha menina, tu Me agradas acima de tudo por meio do sofrimento. Em teus sofrimentos físicos, e também morais, minha filha, não busques compaixão das criaturas. Desejo que a fragrância de teus sofrimentos seja pura, sem mescla. [...] Minha filha, quanto mais amares o sofrimento, tanto mais puro será teu amor por Mim”.⁸

É exatamente nesses momentos que o abandono à Providência deve tomar as proporções heroicas próprias a uma

alma santa. E onde encontrar forças para sofrer, senão no mesmo Deus que pede de nós o sofrimento? Também isso Nosso Senhor ensinava a Faustina: “Apoia tua cabeça em meu braço, descansa e toma força. Eu estou sempre contigo”.⁹

O termômetro do amor

Fazendo ouvir sua voz divina em pleno século XX, num simples convento polonês, o Salvador dirigia seu apelo a uma humanidade cada vez mais afastada da Lei de Deus, e cada

vez mais esquecida de sua infinita misericórdia.

“Se hoje ouvirdes sua voz, não endureçais os vossos corações” (Sl 94, 7-8). Que as palavras de um Deus Misericordioso, consignadas em tão simples diário, nos encorajem a oferecermos a Deus aquilo que, por vezes, nos parece tão difícil reconhecer: nossas misérias. Não é outro o desejo d’Ele: “Minha filha”, dizia Nosso Senhor à religiosa em certa ocasião, “olha para o abismo de minha misericórdia e rende honra e glória a esta minha misericórdia, e o faz deste modo: reúne todos os pecadores do mundo inteiro e submerge-os no abismo de minha misericórdia. Desejo dar-Me às almas; desejo as almas, minha filha!”¹⁰

Sigamos, portanto, o exemplo deixado por Santa Faustina Kowalska. Como crianças, abandonemos nossas vidas nas mãos do Pai Celeste e deixemos que Ele nos guie. Veremos então como nossa conversão começará com um grande ato de confiança no amor infinito de Jesus Misericordioso. ✚

*Que as palavras
de um Deus
Misericordioso,
consignadas em tão
simples diário, nos
encorajem a oferecer a
Deus nossas misérias*



À esquerda, cela de Santa Faustina, onde foi escrito o diário; à direita, a Santa junto com outras religiosas da congregação

¹ SANTA FAUSTINA KOWALSKA. *Diário. A Divina Misericórdia em minha alma*, n.1142. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2021. As de-

mais citações do diário, todas transcritas desta mesma edição, serão indicadas apenas pela numeração interna da obra.

² Idem, n.225-226.

³ Idem, n.56.

⁴ Idem, n.219.

⁵ Idem, n.1481.

⁶ Cf. Idem, n.229.

⁷ Idem, n.1513.

⁸ Idem, n.279.

⁹ Idem, n.498.

¹⁰ Idem, n.206.



O maior ato de misericórdia

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§270 Deus é o Pai todo-poderoso. Sua paternidade e seu poder iluminam-se mutuamente.

Com efeito, Ele mostra sua onipotência paternal pela maneira como cuida de nossas necessidades, pela adoção filial que nos outorga (“Serei para vós um Pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso” [II Cor 6, 18]), e finalmente por sua misericórdia infinita, pois mostra seu poder no mais alto grau, perdendo livremente os pecados.

As imagens do Sagrado Coração de Jesus O apresentam habitualmente bondoso e compassivo, apontando seu Coração chagado e convidando o fiel a se aproximar. Não raras vezes a seus pés lê-se alguma frase por Ele ditada a Santa Margarida Maria Alacoque, como esta: “Eis o Coração que tanto amou os homens, até Se esgotar e consumir a fim de lhes manifestar seu amor”.

As primeiras revelações dessa insigne devoção aparecem no longínquo ano de 1199, na Bélgica, com Santa Lutgarda. A intimidade da religiosa com o Divino Mestre a leva a pedir-Lhe: “Senhor, quero o teu Coração”. Ao que Jesus responde: “Eu é que quero o teu”. Poucos anos depois, na Itália, Margarida de Cortona torna-se confiante do Redentor, a quem ousadamente implora: “Senhor, quero estar dentro de vosso Coração!” Santa Gertrudes de Helfta também se encontra entre as testemunhas da bondade divina, tendo reclinado a cabeça sobre o sagrado peito e escutado as batidas do Coração paciente e cheio de misericórdia.

Mas não só os místicos conheceram esses sublimes mistérios. A Teologia também adentrou no conhecimento da misericórdia do Deus feito Homem:

Santo Anselmo de Cantuária, São Bernardo de Claraval, Santo Alberto Magno, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo e São João Eudes foram alguns dos insígnos cantores desses arcanos.

Em São Tomás de Aquino encontramos o esclarecimento mais simples e profundo sobre o assunto, quando o Doutor Angélico explica que “em toda obra de Deus aparece, como sua raiz primeira, a misericórdia”,¹ pois Ele sempre visa “comunicar sua perfeição, que é sua bondade”.² O Altíssimo quer ter uma união amistosa com o homem, a qual consiste no dom gratuito da “comunhão da bem-aventurança eterna”.³

Se, por parte de Deus, foi um ato de misericórdia criar o homem, benevolência ainda maior Ele manifesta ao elevá-lo à vida sobrenatural, à união amistosa consigo.

Essa misericórdia divina é muito mais excelente do que qualquer ato humano que vise socorrer o próximo,⁴

o que tem igualmente uma importante repercussão entre os atos dos mortais: por cima de qualquer ajuda material – mesmo as obras de misericórdia corporais, como dar de comer a quem tem fome ou visitar os doentes – está o auxílio espiritual dispensado a quem caiu em pecado mortal, para que possa reconstituir a amizade divina e tornar-se partícipe da glória eterna. ✠

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.21, a.4.

² Idem, q.44, a.4.

³ Idem, II-II, q.24, a.2.

⁴ Cf. Idem, q.30, a.4.

A maior manifestação da misericórdia divina é o dom gratuito da bem-aventurança eterna

Detalhe de “Caminho da salvação”, por Andrea di Bonaiuto - Igreja de Santa Maria Novella, Florença



Reprodução



Na via gloriosa dos becos sem saída

Ao atravessarmos a “avenida” do inexplicável, da aparente catástrofe e da derrota, tenhamos a certeza de que para os devotos de Maria Santíssima sempre há uma saída!

✠ Plínio Corrêa de Oliveira

Há uma pequena imagem de Nossa Senhora Auxiliadora que nos acompanha há muito tempo. Não é uma obra de arte, mas uma imagenzinha de gesso dessas fabricadas em série e que se encontram por toda parte, de um tipo religioso chamado sulpiciano.

Por que motivo julguei fazer um achado encontrando essa imagem? Pareceu-me ela de uma expressão de fisionomia cheia de serenidade interior, toda decorrente da temperança, virtude cardeal pela qual se tem por cada coisa o grau de apreço ou de repúdio proporcional às circunstâncias. Nunca se quer uma coisa exageradamente nem menos do que merece, e jamais se detesta algo exageradamente nem menos do que merece.

Essa disposição de alma me pareceu reluzir muito na imagem. Discretamente, Ela é tão calma, tão desapegada e tão senhora de Si, está de tal maneira pronta a tomar atitude diante de qualquer coisa de modo inteiramente proporcionado, que me pareceu o próprio símbolo do equilíbrio, que constitui o corolário da virtude da temperança. E por isso mesmo Ela tem qualquer coisa de puro e de virginal, que me encantou, e ao mesmo tempo algo de materno, pelo qual parece estar olhando para o filho, sorrindo e pronta a acionar o cetro de Rainha decisivo, segundo o pedido que se faça.

Trata-se verdadeiramente do auxílio dos cristãos, e com uma simbologia. O Menino Jesus Se encontra no braço d'Ela com os bracinhos abertos, sorrindo. Vê-se que Maria Santíssima pediu e Ele sorriu; os braços abertos são fruto da prece de sua Mãe. Nossa Senhora está olhando comprazida por ver como o pobre filho d'Ela, ajoelhado ali, se encanta observando o Filho d'Ela por excelência sorrir e abrir os braços. É o auxílio: Aquela que nos consegue, de quem é o Autor e a fonte última de todas as graças, tudo aquilo que nós pedimos.

***Lírio nascido do lodo,
na noite, durante a tempestade***

Se a todo momento a Virgem Maria não nos tivesse ajudado, não houvésemos recorrido a Ela, sentindo o

seu apoio maternal, não teríamos feito coisa alguma. Quando o nosso movimento chega aos seus píncaros e, por exemplo, considera belos resultados, ele deveria dizer que esses são os feitos de Nossa Senhora.

Que espécie de feitos?

Sobretudo, e antes de tudo, os realizados nas nossas próprias almas. Quer dizer, que haja uma organização como a nossa, com um número de membros absolutamente falando reduzido, com esta mentalidade, estes costumes, este estilo de piedade, em meio à borrasca que existe em torno de nós, isso é bem o lírio nascido do lodo, que floresce à noite, durante a tempestade.

Mas quando se diz “lírio nascido do lodo”, não se recorre à metáfora senão para afirmar que está acontecendo algo de inteiramente inverossímil, inexplicável como uma edelvaís que brotasse no Deserto do Saara. Foi, portanto, a Mãe de Misericórdia, a Mediadora de todos os favores que apresentou nossa prece ao seu Divino Filho e obteve que ela fosse atendida.

***Agarremo-nos à
Santíssima Virgem!***

Qual prece? Antes de tudo a oração pela qual nós Lhe pedimos que nos dê a graça de cada vez mais amá-La, sermos d'Ela, confiarmos n'Ela, nos unirmos a Ela e que Ela Se una a nós.

A grande e fundamental prece é que Maria nos torne devotos d'Ela.

Vejo alguém que poderia dizer: “Mas então fica encaminhado para segundo plano a devoção suprema, o culto de latría a Nosso Senhor Jesus Cristo? Que revolta é esta: o culto de hiperdulia substituindo o culto de latría?”

Fico com vontade de responder: “Que asneira é essa?” Nossa Senhora é o canal necessário, único, para chegar a Nosso Senhor Jesus Cristo. E se nós de tal maneira A aplaudimos e veneramos, é porque adoramos Aquele a quem Ela conduz. A Santíssima Virgem é o caminho pelo qual Ele veio a nós. Em Maria, Jesus Cristo Se encarnou para depois remir o gênero humano; Ela é a Corredentora. Quando subiu ao Céu, Ele deixou sua Mãe para atenuar um pouco a tristeza e o imenso vazio que ficara na terra.

Tendo tudo isso em vista, se nos agarrarmos bem a Nossa Senhora, iremos até Ele; se não nos agarrarmos à Santíssima Virgem com todas as forças de nossa alma, aonde iremos? Para baixo! E nós sabemos bem quem está embaixo...

Conselho de um sacerdote jesuíta

Lembro-me que nosso Grupo estava num de seus momentos mais cruéis, na luta do *Em defesa*.¹ Eu tivera uma pequena esperança de que certa editora de Montevideú, de grande expressão naquele tempo, o publicasse em espanhol. Ela me enviou uma carta, pedindo licença a fim de traduzir a obra para o espanhol, e eu havia concordado. Mas a editora me remeteu outra missiva, dizendo que não se interessava mais pela publicação... Pouco depois recebo outra carta de Montevideú. Abro-a pensando: “Que novo dissabor será este?”

Tratava-se de um velho sacerdote jesuíta que eu não conhecia, o qual

dizia na sua carta, resumidamente, o seguinte: “Por mais que os senhores sejam combatidos, eu os prezo muito e por causa disso lhes dou aquilo que posso conceder: as minhas orações, em primeiro lugar; em segundo lugar, um conselho. Os senhores valem o que valem porque são muito devotos de

devoção a Nossa Senhora; ou se sobe cada dia mais, ou se para, e aquilo que para decai. Não tenhamos medo de exagerar, desde que permaneçamos fiéis à doutrina católica em matéria de culto a Santíssima Virgem, porque *de Maria nunquam satis*, sobre Nossa Senhora jamais há o que baste.”²

Ela nos acompanha como a um filho único

Como Ela é Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e é nossa Mãe, está permanentemente disposta a nos ajudar em tudo aquilo que precisamos. São Luís Maria Grignon de Montfort³ afirma que se houvesse no mundo uma só mãe, a qual reunisse em seu coração todas as formas e graus de ternura que todas as mães do mundo nutririam por um filho único, e essa mãe tivesse um só filho para amar, ela o amaria menos do que Nossa Senhora ama todos e cada um dos homens.

Ela é de tal modo Mãe de cada um de nós, quer-nos tanto – por mais desvalidos, desencaminhados, espiritualmente trôpegos que sejamos e nada valhamos – que, se nos voltarmos para Ela, seu primeiro movimento será de amor e de auxílio.

Maria Santíssima nos acompanha antes mesmo de nos voltarmos para Ela, pois tem ciência do que acontece com todos os homens, em todos os lugares. Ela conhece, portanto, nossas necessidades e é por intercessão d'Ela que temos a graça de nos voltarmos para Ela. Nossa Senhora pede a Deus que recebamos essa graça, e Ele no-la concede. Nós nos voltamos e a primeira pergunta que Ela faz é: “Meu filho, o que queres?”

Já ouvi uma afirmação que não era de um grande teólogo, mas me dá a impressão de ser verdadeira: se o próprio Judas Iscariotes, depois de vender



Maria Santíssima nos acompanha antes mesmo de nos voltarmos para Ela, e está permanentemente disposta a nos ajudar

Dr. Plínio venera a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora mencionada neste artigo, em maio de 1991

Nossa Senhora. Sejam cada vez mais devotos e não há bem que não lhes acontecerá; não diminuam jamais, em um grau que seja, essa devoção, porque do contrário todo mal poderá vir sobre os senhores!”

Quero crer que a piedosa alma desse verdadeiro filho de Santo Inácio esteja aos pés de seu fundador no Céu, gozando da visão beatífica e olhando para Nossa Senhora. Peço a ele que reze por todos nós, para que sigamos esse conselho. Mas para isso é capital um ponto: não basta não decair na

Nosso Senhor e enquanto caminhava para o lugar maldito onde se enforcaria, houvesse tido um momento de devoção para com a Santíssima Virgem e rezado a Ela, teria recebido um apoio. Se procurasse por Ela e dissesse “Eu não sou digno de chegar próximo de Vós, de Vos olhar, nem de me dirigir a Vós. Sou Judas, o imundo... Mas Vós sois minha Mãe, tende pena de mim!”, Ela receberia com bondade o homem cujo nome é sinônimo da torpeza mais baixa e mais asquerosa, e que ninguém pronuncia sem extremos de nojo, por assim dizer, sem esgares de nojo: Judas Iscariotes... Até este!



Como é bela a “avenida dos becos sem saída”, do inexplicável, da aparente catástrofe, pois é esta a avenida triunfal de Nossa Senhora

Nossa Senhora Auxiliadora - Coleção particular



Arquivo Revista

A bela “avenida dos becos sem saída”

Mas nós sentimos dificuldade em ter isso sempre presente. Por quê? Porque não vemos e, na nossa miséria, muitas vezes somos daqueles que não creem porque não veem. Nós não duvidamos, mas esquecemos. Sentimo-nos tão deslocados que dizemos: “Mas será mesmo? Aconteceu-me isto, aquilo, aquilo outro. Eu pedi a Ela e não fui socorrido; por que vou crer que agora serei ajudado? Mãe de misericórdia... para mim, às vezes sim, mas às vezes não...”

Nessas horas se deve dizer: “*Auxilium Christianorum, ora pro nobis!*” Nos momentos em que não compreendemos, não temos noção de como será a saída do caso, do que vai acontecer, precisamos repetir com insistência: “*Auxilium Christianorum!*” Porque todo caso tem saída. Nós às vezes não vemos a solução, mas Nossa Senhora está dando ao assunto uma saída monumental.

Quando lembro a história de nossas catástrofes, nossos reerguimentos, nossa dolorida e gloriosa “avenida de becos sem saída”⁴ voltando-me para

trás eu me pergunto: “Se Ela me desse para escolher esta via dos becos sem saída ou outra qualquer das que eu imaginava, qual preferiria?” Eu teria respondido: “Minha Mãe, se Vós me derdes força, escolho a ‘avenida dos becos sem saída’”. É a “avenida” do inexplicável, da aparente catástrofe, da derrota, do arrasamento, mas da vitória que se afirma.

Como é bela a “avenida dos becos sem saída”! Por quê? Porque se trata da avenida triunfal de Nossa Senhora. Ela abre os becos sem saída, transforma esta coisa monstruosa – uma avenida esquartejada em becos – e faz disso uma avenida. Compreende-se a providência de Maria Santíssima. É uma verdadeira maravilha!

Nossa insuficiência proclama a vitória d’Ela, canta a glória d’Ela. Como não poderemos ficar entusiasmados com a ideia de que Ela nos fez tão poucos para que Ela fosse tão largamente glorificada? É evidente! Esta prece deve estar nos nossos lábios em todos os momentos: “*Auxilium Christianorum, ora pro nobis!*”

Rezemos, portanto, em todas as circunstâncias de nossa vida. E na hora

de morrer, quando estivermos no último alento e ainda dissermos “*Auxilium Christianorum*”, daí a pouco o Céu se abrirá para nós. ✧

Extraído, com adaptações, de:
Dr. Plínio. São Paulo. Ano XXIV.
N.278 (maio, 2021), p.16-21

¹ Primeiro livro publicado por Dr Plínio, no ano de 1943, alertando contra a sub-reptícia introdução do laicismo e do igualitarismo nos ambientes eclesiais. A obra foi prefaciada por Dom Benedetto Aloisi Masella, então Nuncio Apostólico no Brasil, e recebeu do Papa Pio XII uma carta de louvor, assinada por Mons. Giovanni Battista Montini, futuro Paulo VI.

² Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.10. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.492-493.

³ Cf. Idem, n.202, p.620.

⁴ Expressão criada por Dr. Plínio para ilustrar as difíceis circunstâncias com que ele e sua obra se depararam ao longo das décadas, nas quais repetidas vezes parecia estar-se numa situação sem saída, mas que Nossa Senhora sempre terminava por solucionar.



Epifania da onipotência

Poder... palavra que inebriou a tantos ao longo da História, com frequência significando força opressora ou dita justiceira, oposta à benevolência ou à misericórdia, fruto da exacerbação das paixões desordenadas pelo pecado original. Como é diferente o domínio exercido pelo Altíssimo! “Meus pensamentos não são os vossos, e vosso modo de agir não é o meu, diz o Senhor” (Is 55, 8). Ele, que tem todo o poder, o manifesta de forma inteiramente distinta dos critérios dos homens.

São Tomás dedica uma questão inteira da *Suma Teológica* (cf. I, q.21, a.1-4) a essas duas virtudes – justiça e misericórdia – enquanto atributos de Deus e explica como ambas são harmônicas, apesar de aparentemente contraditórias, bem como analisa qual delas mais revela a onipotência divina.

Nossa concepção humana nos dificulta compreendê-las em sua profundidade nas ações divinas. Muitas vezes entendemos emotivamente a misericórdia: uma tristeza pela miséria alheia. Ora, em Deus não há tristeza. Por isso afirma o Doutor Angélico que essa virtude só deve ser atribuída a Ele “como efeito e não como emoção, fruto da paixão”, pois “não convém a Deus entristecer-Se com a miséria de outro, mas Lhe convém, ao máximo, fazer cessar essa miséria, se por miséria entendemos qualquer deficiência” (a.3). Ele a pode suprimir pela perfeição de algum bem, já que é a fonte primeira de toda bondade. Donde a harmonização entre ambas as virtudes: “Que as perfeições sejam outorgadas por Deus às coisas segundo uma proporção, isto pertence [...] à justiça. [...] Que tais perfeições

outorgadas por Deus às coisas suprimam qualquer deficiência, pertence à misericórdia” (a.3).

Assim, quando age misericordiosamente, não significa que Ele “faça qualquer coisa contrária à sua justiça, mas algo que ultrapassa a justiça. [...] Fica claro que a misericórdia não suprime a justiça, mas é, de certa

maneira, a plenitude da justiça” (a.3, ad 2). Mais ainda, “a obra da justiça divina pressupõe sempre uma obra da misericórdia e se funda sobre ela” (a.4), pois nesta se radica todo o agir do Criador.

Com efeito, “certas obras são atribuídas à justiça de Deus e outras à sua misericórdia, porque em algumas aparece mais fortemente a misericórdia e em outras a justiça”, como é o caso do juízo das almas impenitentes. “Porém, mesmo na condenação dos réprobos a misericórdia aparece, não relaxando totalmente, mas mitigando de algum modo as penas, pois Deus pune menos do que o merecido” (a.4, ad 1).

Sem embargo, quando a graça toca o pecador, pode-se ressaltar mais esse duplo aspecto. É o que diz o Aquinate, nas palavras de Santo Anselmo: “Quando punes os maus, é justiça, pois convém ao que mereceram; quando, porém, os perdoas, é justiça, porque convém à tua bondade” (a.1, ad 3). E só Deus tem tal poder de perdão: “Na justificação do ímpio a justiça aparece, pois relaxa as faltas em razão do amor, que o próprio Deus infunde por misericórdia” (a.4, ad 1).

Deste modo, fica patente que “a onipotência de Deus se manifesta sobretudo perdando e praticando a misericórdia, porque, por essas ações, se mostra que Deus tem o supremo poder: [...] perdando os homens e praticando a misericórdia, Deus os conduz à participação do bem infinito, que é o efeito supremo do poder divino” (q.25, a.3, ad 3).

Eis, pois, a epifania da onipotência do Altíssimo: a misericórdia! ✠



Gustavo Kralj

A onipotência de Deus se manifesta sobretudo perdando e praticando a misericórdia, ações pelas quais Ele mostra que tem o supremo poder

Jesus perdoa a pecadora arrependida - Paróquia São Patrício, Roxbury (Estados Unidos)



O passado tem novidades

Em pleno século XXI, vivemos uma revolução cultural iniciada há mais de quinhentos anos.

✎ Alessandro Tiso



Há duas formas de entender o presente: como passado do futuro e como futuro do passado. E não pense, leitor, ser esta introdução um mero jogo de palavras. É fato incontestável – quase um lugar-comum – que os séculos precedentes nos prepararam e que, segundo a mesma regra, os filhos por nós gerados são o futuro em nossas mãos.

Por isso a História sempre foi considerada como um espelho: ao contemplá-la nos encontramos e, desde já, entrevemos o porvir. Voltemos então nossa atenção para a tortuosa estrada dos milênios, a fim de desvendar a trilha pela qual chegamos à atual situação. Mais ainda: a fim de discernir se devemos continuar por ela...

Antigas novidades

Renascença. Uma das últimas grandes curvas da História que alterou o curso da

humanidade. Não de modo brusco, é certo, mas lenta, inexorável e... completamente. “Basta pronunciarmos as sílabas desta palavra para que nos afluam à memória imagens múltiplas, contrastantes, mas todas igualmente dotadas de um brilho singular”.¹

Depois da transição do mundo pagão para o cristão, o período de mudança mais radical que houve na História foi aquele em que a Idade Média se transformou na Modernidade. E entre os mais poderosos fatores dessa mutação encontra-se, sem dúvida, o Renascimento.

Essa quadra histórica, que em sentido amplo podemos situar entre o início do século XIV e meados do XVI no Ocidente cristão, é considerada o berço e viveiro de inúmeras invenções e descobertas. Todavia, exageraríamos se só a isso atribuíssemos a mudança moral, psicológica e sobretudo religiosa que nela se observou.

De fato, não são as novidades que melhor a retratam, mas a surda revolta contra o seu tempo e a declarada volta a padrões de eras mortas. Como o próprio nome aponta, esse período não foi de *nascimento*, mas de *renascimento*. E seus principais expoentes apresentaram suas invenções como redescob-

brimentos, “como um retorno às tradições da Antiguidade, depois do longo parêntesis da que foram os primeiros a chamar Idade ‘Média’”.²

Desenterrando os mortos

O mal dessa transformação não estava no progresso que traria, quer seja na arte, na Filosofia ou na ciência. É evidente que não. O problema não era o que introduzia, mas o espírito com que fazia isso, como adiante veremos.

Destarte, ao mesmo tempo que essa mudança de mentalidade reintroduzia Roma e Grécia na civilização europeia, expulsava a Cristandade que então reinava em seu apogeu. Numa palestra proferida na década de 1960, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira³ faz uma acurada análise a esse respeito, cujas ideias principais transcrevemos a seguir.

Como uma doença, com sintomas aparentemente menos graves que os das três Revoluções que lhe fizeram cortejo,⁴ ela abriu uma primeira e profunda fenda no mundo medieval, pela qual penetraram os germes de destruição que obraíram todo o restante, desde o protestantismo até o comunismo, chegando ao caos mundial do século XXI. Na elegância das ressurectas colunas jônicas, na alegria do contraponto que passou a inundar as partituras europeias, na perfeição das representações humanas sobre telas, paredes e mármore, estava em semente todo o horror moral que se seguiu.

O difícil seria, entretanto, introduzir esse tipo de horrendo na alma me-

Não são as novidades que melhor retratam a Renascença, mas a surda revolta contra o seu tempo e a declarada volta a padrões de eras mortas

Deusa Atena - Museus Vaticanos; ao fundo, ruínas do Templo Erecteion em Atenas



dieval, sempre ávida do maravilhoso. A Renascença se apresentou, por isso, com uma roupagem tentadora para homens sedentos de beleza: ela seria uma ampla revolução feita em nome da arte. E não de uma arte qualquer, mas daquela que fora sepultada sob as ruínas da Roma imperial, da única cultura – sempre segundo os renascentistas – capaz de satisfazer os anseios da alma humana. As demais culturas crescidas ao pé desta frondosa árvore não passariam de “dialetos”, de meros arbustos subdesenvolvidos. Era chegada a hora de ressuscitar essa cultura morta e “imortal”.

Eis aí um processo avesso à natureza: desenterrar um cadáver em vez de gerar o conjunto de concepções, saberes e sabores que constituem a cultura e a mentalidade de uma civilização. A cultura nasce das convicções e das condições em que vive um determinado povo; de circunstâncias históricas, portanto. Retomar uma cultura alheia – e a ponto de tomá-la como a única válida – constitui um absurdo. E sobre esse absurdo foi construído o Renascimento.

E o sepulcro veio a ser berço

Erigir um edifício sobre tão débil base seria impossível se ele não estivesse num terreno muito propício. E a Itália era então um campo bem preparado.

Com efeito, enquanto todo o Ocidente era ainda palco da lenta agonia da civilização medieval, numa Florença em ebulição artística, numa Veneza enriquecida e mercantil, e numa Roma havia pouco desocupada pelo Papa – transferido a Avignon e às preocupações do subsequente cisma⁵ – operava-se já uma visceral e irreversível transformação.

Pouco a pouco, emergia na Península Italiana um novo estado de espírito: o pensamento tendia à dissipação, à investigação do meramente natural, à sublevação contra o dogma e a fê; a vontade, irritada com as dependências morais que lhe eram impostas, fazia abalar as disciplinas básicas; o próprio

sentido da vida parecia prestes a ser abertamente questionado.

Três homens-símbolo

As principais figuras do Humanismo, florescidas nessa primavera de gênios pacientemente gerada pelas universidades católicas do medievo, encarnariam a antiga, mas retocada mentalidade.

Francisco Petrarca, considerado o pai desse período histórico, apesar de haver recebido as ordens sacras cultivava, a par dos versos virgilianos, uma selva de orgulho e vaidade. Julgou as ciências do seu tempo e a todas impugnou: Filosofia, Teologia, Medicina, Direito... Para ele as universidades eram “ninhos de pedante ignorância”. Afinal de contas, ainda não havia chegado o redentor do conhecimento humano, o “novo Sócrates”, como ele mesmo se considerava. Tamanha autoestima não o impedia, entretanto, de invejar a glória de Dante, que lhe ofuscaria o esplendor entre a posteridade. De fato, Petrarca o confessou, “o anelo da imortalidade do nome era uma tão grave enfermidade que não podia livrar-se dela”.⁶

Para Michelangelo, “o corpo do homem é o único meio de decoração, bem como de representação”, e queria ele, na ilustração das abóbadas, “a exibição constante do corpo humano como a mais alta personificação de energia, vitalidade e vida”.⁷ Suas obras exprimem os lamentáveis horizontes daqueles espíritos intemperantes e libertinos que se tornaram “os legítimos precursores do homem ganancioso, sensual, laico e pragmático de nossos dias”.⁸ Não é por acaso que a *Pietà*, apesar da maestria dos traços, inspira tão pouca piedade, e que o teto da Capela Sistina faça baixar os olhos às almas castas, em vez de os elevar ao Céu.

Outro grande ícone: Leonardo Da Vinci. Em 1476 – tinha ele vinte e quatro anos – chegou a ser preso em Florença pela devassidão de seus costumes. O pudor e o respeito que temos pelos leitores nos impelem a omitir detalhes.⁹ Com ele a arte não mais estaria a serviço

do invisível, mas seria antropocêntrica e naturalista. A proporção humana, traçada no seu “homem de Vitruvius”, passaria a ser a medida do belo e da nova civilização: o homem, não Deus.

Os motores da revolução

A primeira característica do renascentista, como bem observa Dr. Plínio,¹⁰ é uma espécie de saturação da vida medieval. A Idade Média tivera por ideal a existência equilibrada, ordenada, dirigida para seus fins últimos; para compendiar tudo em cinco letras, santa. E o



Figuras de proa do Humanismo encarnariam a “nova” mentalidade, naturalista e antropocêntrica

Francisco Petrarca - Galeria Municipal de Lecco (Itália); Leonardo da Vinci - Museo delle Antiche Genti, Lucania (Itália); Michelangelo - Galeria Hans, Hamburgo (Alemanha)

Foto: Reprodução

vivaleite (freepress)



A Idade Média tivera por ideal a existência equilibrada, ordenada, dirigida para seu fim último. E o seu declínio viu surgir a sede insaciável de gozo, o esquecimento da ideia de um Deus, de um Céu, de um inferno

Da esquerda para a direita: Catedral de Notre-Dame, Paris; Beau-Dieu da mesma catedral; Coroação de Luís VIII e Branca de Castela, “Grandes Chroniques de France” - Biblioteca Nacional da França, Paris. Ao fundo, interior da Sainte-Chapelle, Paris

seu declínio viu surgir a sede insaciável de gozo: “O apetite dos prazeres terrenos se vai transformando em ânsia”.¹¹ Qual o mal dessa tendência? Sobre tudo de que o homem, fascinando-se por ela, esqueça sua finalidade, seus deveres, a ideia de um Deus, de um Céu, de um inferno. E foi o que aconteceu.

Com o anoitecer da austeridade medieval, puderam então emergir no escuro, sem mostrar sua hediondez, os ideais do paganismo que propulsionariam todo o processo revolucionário que nascia: o orgulho e a sensualidade. Esta última ficou bem esboçada, parece-nos, quando descrevemos acima alguns corifeus da Renascença. Quanto ao orgulho, esse foi o rei da festa: “Uma nota característica daqueles humanistas foi a extraordinária vaidade e ambição de glória, que os fazia imaginar-se superiores ao gênero humano”.¹²

Um conflito na consciência

O que aconteceu então? A luta da luz contra as trevas, do crepúsculo contra a noite no firmamento das almas. A Roma de Cristo e a Roma de Júpiter travavam um duelo de morte na consciência dos homens. César disputava a Deus o império dos corações. Em cada arena, na batalha deflagrada em cada indivíduo, o desfecho foi diverso. No contexto geral da guerra, porém, podemos distinguir três resultados.

Primeiro: o triunfo total, se bem que gradual, do paganismo sobre a tradição cristã naqueles em que a cultura clássica atuou como um corrosivo; o mero contato causou um estrago tremendo. Surgiram os primeiros grandes ateus e suas diluições: materialistas e agnósticos.

Em segundo lugar: a vitória – tantas vezes parcial – da Igreja sobre o Panteão. Trata-se dos que reagiram contra esse ideal pagão, muitos deles de forma insuficiente, quiçá até inconsciente. Todos os Santos lutaram neste exército. Também um Filipe II da Espanha, um Dom Sebastião em Portugal, um Scanderbeg na Albânia foram almas medievais em pleno apogeu renascentista.

Entre essas duas pequenas correntes antagonicas – da mesma forma que uma grande frase entre dois magros parêntesis – encontramos a maioria dos campos de batalha. Misteriosamente, talvez por falta de profundidade, de coerência ou de sinceridade para consigo, neles ocorreu um armistício. Nenhum dos lados foi derrotado, e um saiu vencedor. Sim: o invasor detém a vitória quando não é expulso. Esses homens – pois são eles o campo de embate – acumularam as duas influências, conservando-se mais ou menos cristãos e mais ou menos neopagãos. Meio terra, meio água: lama.

A arte parece ter concretizado este terceiro grupo de almas: o *Moisés* de Michelangelo mais se assemelha a um

Júpiter Capitolino, as basílicas se tornaram templos greco-romanos em que se celebra Missa, alguns *Kyries* nelas entoados faziam lembrar as melodias das antigas bacanais.

Ontem e hoje, os mesmos problemas

E nós, assistindo a tais duelos de um tempo que não é o nosso, ficaremos como os espectadores do Coliseu, apenas sorrindo diante do vaivém dos golpes? Nossa situação – lamento informá-lo, caro leitor, caso isso lhe pese – perante essa guerra não é de assistentes, mas de combatentes. Não nos cabem nem aplausos, nem vaias, nem arquibancada. A nós as armas, a nós a arena.

Sim, porque esse combate entre a catedral e o templo helênico se perpetua pelos séculos. E o mesmo que acontecia, de novo sucede com novas roupas. Permita-nos o leitor que expliquemos, com base em explicitações feitas por Dr. Plínio.¹³

O mundo moderno vem sendo trabalhado a fundo por fermentos visceralmente anticatólicos. Não entendemos – e esperamos que também o leitor não o compreenda assim – por “mundo moderno” o conjunto de desenvolvimentos materiais introduzidos ao longo das últimas décadas e a surpreendente coletânea de conhecimentos auferidos em todas as áreas. Referimo-nos sim a um certo espírito, a uma certa mentalidade neopagã dis-



Como consequência, o paganismo triunfou sobre a tradição cristã naqueles em que a cultura clássica atuou como um corrosivo. E o combate entre a catedral e o templo helênico se perpetuou pelos séculos

Da esquerda para a direita: “O precursor”, por Eleanor Fortescue - Lady Lever Art Gallery, Merseyside (Inglaterra); Moisés, por Michelangelo - Basílica de São Pedro in Vincoli, Roma; Tempietto de Bramante, Roma. Ao fundo, Basílica de São Lourenço, Florença (Itália)

posta a aceitar tudo quanto é oposto à Religião, simplesmente por um prazer terreno, esquecendo que a vida não termina aqui na terra e que seremos julgados por Deus segundo nossa adesão, ódio ou indiferença em relação a Ele.

À vista dessa influência fundamentalmente anticristã – para não dizer diabólica –, perfilam-se os mesmos três cenários. Católicos há que pagam de tal maneira o seu tributo de admiração a tudo quanto o mundo oferece de pecaminoso que vendem, num supremo imposto, a própria alma. No lado oposto, encontramos os fiéis que, na reação contra a impiedade hodierna para se conservarem católicos, convertem-se em cruzados. Existem ainda as sempre numerosas atitudes intermediárias, dos que procuram conciliar o inconciliável, o espírito da Igreja com o de Satanás.

Que triste situação a destes últimos! Tendo dois senhores, vivem entre dois temores. De um lado, há neles um certo

receio de abandonar a Religião; rezam quando se lembram, têm a Santa Missa aos domingos como sagrada... desde que não custe muito. No fundo, queriam ser melhores. Sentem até a inclinação de seguir o exemplo dos Santos, sua entrega total, seu amor. Mas o mundo... Eis outro grande medo: o respeito humano de ser diferente, de ser uma luz durante a noite, de ser o único a viver num campo de mortos. E por isso condescendem com o espírito moderno, simpatizam, deixam-se imbuir, deixam-se... matar.

Ora, um católico só o é de fato quando pertence à Igreja sem mescla nem heterogeneidade de coisa alguma estranha a ela. Um católico só pode ser *inteiramente* católico. Um católico pela metade seria como uma meia virgindade, como um saudável copo de água com apenas algumas gotas de veneno. Um católico dividido, que obedece a dois senhores, teme a ambos e não ama

a nenhum. Teme Jesus Cristo, seu Juiz; não ama Jesus Cristo, seu Redentor.

O dilema

Quem diria que a Renascença nos ensinasse tanto!... O passado tem suas novidades. Para muitos, até um sobresalto.

O Humanismo aparentou um simples passo da cultura. Sua envergadura, entretanto, supera o domínio da arte, da política, do pensamento e dos séculos, tocando o mais profundo das almas até nossos dias. Continua de pé o dilema lançado pela ressurreição da Antiguidade Clássica: o neopaganismo *ou* a Igreja Católica?

O fato, porém, é que muitas vezes a resposta formulada consiste numa terceira via, utópica e pior: o paganismo e a Igreja Católica. Que tristeza!

Com efeito, a Renascença não está tão morta quanto se costuma afirmar... ❖

¹ DANIEL-ROPS, Henri. *História da Igreja de Cristo. A Igreja da Renascença e da Reforma (I)*. São Paulo: Quadrante, 1996, v.IV, p.171.

² BURKE, Peter. *El Renacimiento europeo. Centros y periferias*. Barcelona: Crítica, 2000, p.12.

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 15/9/1966.

⁴ A pseudorreforma protestante, a Revolução Francesa e o comunismo. Para compreensão e aprofundamento dessas revoluções e do processo histórico que as une, ver: CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*. 9.ed. São Paulo: Arautos do Evangelho, 2024, p.35-43.

⁵ Cf. WEISS, Juan Bautista. *Historia Universal*. Barcelona: La Educación, 1929, v.VIII, p.128.

⁶ Idem, p.134.

⁷ DURANT, Will. *História da civilização. A Renascença*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1953, v.V, p.384

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*, op. cit., p.38.

⁹ Cf. DURANT, op. cit., p.163.

¹⁰ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*, op. cit.

¹¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revolução*, op. cit., p.36.

¹² WEISS, op. cit., p.129.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*, op. cit.



O meu lugar é... exatamente o meu lugar!

O que aconteceria num texto em que alguns caracteres decidissem destacar-se de seus lugares para viver “sua própria vida”?



✠ Ir. Diana Milena Devia Burbano

Renascido pelas águas batismais como filho de Deus e templo vivo da Trindade, cada fiel é um luzeiro em meio às trevas do mundo e um membro da Igreja Militante a batalhar pela instauração do Reino de Cristo na terra. Todos nós possuímos, portanto, uma vocação única, insubstituível e magnífica no imenso quadro da criação!

Essa vocação, nós a devemos cumprir com amor, ufania e dedicação plena, para a maior glória de Deus. Todavia, pode acontecer de alguém, em vez de agradecer ao Criador a missão que misericordiosamente recebeu, pôr-se a reclamar: “Não me sinto chamado a nada... Pobre de mim! Fui posto de lado por Deus...” Tal pensamento não nasce porque a pessoa está sem um papel importante a desempenhar, mas porque ela deseja trilhar outros caminhos que, a despeito de se oporem à vontade divina, parecem a seu orgulho mais atraentes...

Com o objetivo de prevenir seus filhos espirituais contra esse perigoso estado de espírito, numa palestra proferida na década de 1980 Dr. Plínio Corrêa de Oliveira converteu uma ideia exposta num livro do literato francês Edmond Rostand em uma interessante metáfora, que trataremos de reproduzir neste artigo.

As letras e as almas

Alguma vez, caro leitor, você já analisou uma letra capitular? A abertura

de um capítulo constitui, sem dúvida, uma parte importante de um livro e por isso é comumente ressaltada com um caractere diferenciado, o qual dá a impositação e o realce que o texto merece. Em sua elegância e na requintada arte que a reveste, a capitular se assemelha a certas almas chamadas pelo Criador a iniciar períodos históricos, a mudar o rumo dos acontecimentos mundiais ou a ser uma espécie de hífen entre uma era passada e a futura.

Abraão, patriarca do povo eleito e pai dos justos da Antiga e da Nova Aliança, Moisés, que falava face a face com o Senhor como um amigo (cf. Ex 33, 11), e Davi, o rei-profeta de cuja descendência nasceu o Messias esperado, são exemplos de almas “capitulares”, que contribuíram com particular relevância na realização do plano divino. Também os Apóstolos, os Padres da Igreja, os Papas e muitos fundadores tornaram-se “letras esculturais” nas páginas da História da Igreja e da humanidade.

Ora, o normal é que ao lado da charmosa letra capitular se encontrem algumas simples e discretas letras minúsculas. A desproporção desta combinação – por vezes até chocante – não poderia ser mais simbólica: quantas vezes o sacrifício de almas pequeninas e apagadas, mas generosamente sofredoras, não se torna decisivo para a sustentação das grandes vocações?

Elas passam despercebidas aos olhos humanos, como que escondidas à sombra das enormes “letras” que admiram; brilham, entretanto, com um fulgor incomparável diante de Deus, que as conhece individualmente e as tem como um raro tesouro. Cumprem assim os desígnios divinos, segundo os quais as almas mais chamadas estimulam e marcam as menores, sendo cada uma, a seu modo, o complemento necessário para o cumprimento da missão das demais.

Outra característica ponderável das letras é que algumas possuem por si mesmas um significado ou fazem sozinhas a ligação entre duas frases; a maioria delas, porém, só têm verdadeiro sentido ao se unirem e formarem palavras. Esse detalhe pode ilustrar duas realidades: a das almas postas por Deus em situações nas quais devem arrastar um conjunto com seu bom exemplo; e a daquelas que precisam se unir a outras na conquista de determinado objetivo.

O “pouco” é sempre muito

Encerrado o capítulo das letras, entram em cena outros tipos, também muito importantes: os sinais de pontuação e os acentos gráficos.

Para a nossa geração, tão acostuada às preguiçosas abreviaturas, às gírias, aos *emoticons* e a tantas outras



Quer sejamos almas “capitulares”, quer “minúsculas”, o que importa é cumprirmos a vontade de Deus

Apóstolos e Santos - Catedral de Amiens (França); ao fundo, devocionário mariano privado

aberrações que se tornaram moeda corrente na comunicação atual, esses elementos podem parecer banais. Por exemplo, muitas pessoas desprezam o uso da vírgula. Olham-na com indiferença e, quando muito, respiram ao perceber sua presença; interessar-se por ela, porém, está fora de questão. Também o ponto final costuma ser ignorado...

De fato, o ponto não preenche uma página de livro, nem se abre um capítulo com a vírgula. Contudo, quando mal empregados, esses sinais podem alterar o sentido de um texto ou mesmo torná-lo ambíguo. Quantos processos foram perdidos por um ponto ou uma vírgula usados indevidamente num contrato! Em uma palavra, eles são capazes de inutilizar até mesmo a mais suntuosa letra capitular, ao passo que, em seu devido lugar, contribuem para a boa apresentação do capítulo inteiro.

Esses pequenos sinais são símbolos dos papéis aparentemente modestos que, muitas vezes, todo homem se vê chamado a realizar. Trata-se de ocasiões em que ele deve ser fiel no “pouco”, sob pena de acabar sendo infiel nos grandes lances de sua vida (cf. Lc 16, 10).

Nem medíocres, nem orgulhosos...

Aplicando a metáfora à vida concreta de seus seguidores, Dr. Plínio concluía: “Às vezes nós somos levados, no decorrer da vida, a desempenhar o papel de letra capitular, e temos de saber fazê-lo; outras vezes somos levados a ser a letra maiúscula de uma frase, e devemos fazê-lo; outras vezes ainda, somos chamados a assumir a função de uma simples letra minúscula, ou mesmo de um ponto ou de uma vírgula!... Ora, é de todos esses elementos que se compõe um texto. [...] Temos de saber representar, então, os pontos, as vírgulas, os acentos gráficos, as letras minúsculas, maiúsculas e capitulares; e devemos representá-los no esplendor próprio de cada um!”¹

De fato, caro leitor, já imaginou o que aconteceria num texto em que alguns caracteres fossem tomados por desejos desordenados de independência e decidissem destacar-se das palavras a que pertencem para viver “sua própria vida”? Haveria mutilações espantosas e vazios que ninguém poderia compreender!...

Que não nos aconteça de, sentindo-nos chamados a ousadas batalhas, recusarmos por mediocridade o papel de “letra maiúscula” e terminarmos como um borrão de tinta nas páginas da His-

tória... Ou mesmo, percebendo-nos com “estofo de ponto final” para uma determinada circunstância, desejarmos – sem outro mérito que o nosso orgulho – ofuscar até a mais bela letra capitular. Só seremos caracteres dignos de figurar no grande Livro da Vida se soubermos desempenhar bem qualquer um dos papéis que nos sejam apresentados pela Providência, no momento e no lugar em que Ela determinar. Do contrário, para nada serviremos!

Façamos a vontade de Deus!

De agora em diante, talvez você não olhe do mesmo modo para um texto... Contudo, se ao terminar a leitura deste artigo você simplesmente se perguntar “Qual letra eu sou?”, lamento dizer-lhe que errou completamente a questão.

A pergunta correta que desejamos que cada alma se faça – não só agora, mas a todo momento – é esta: “Que letra *Deus* quer que eu seja hoje, em seu livro?”

Então estaremos todos em nossos devidos lugares, completando e abrihantando a obra do Criador! ✨

¹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 23/1/1985.

Um segundo José

Sua castidade ilibada elevou-o a um especial grau de união com Nossa Senhora, reservado a poucos na História, permitindo a Hermano participar de um circuito de graças místicas de caráter sponsalício cuja origem remonta ao desponsório virginal de Maria e José.



✠ Ir. Luciana Niday Kawahira

Como seria o trato repassado de elevação e respeito entre São José e Nossa Senhora? Quantas vezes o Santo Patriarca teve diante de si a Rainha do Universo inclinada para servi-lo, e aceitou os seus préstimos! E, como se tal não bastasse, sua imaculada Esposa Se aconselhava com ele, trocava opiniões e acatava suas ordens. Pensemos também nos momentos em que ele carregou em seus braços virginais o Menino Jesus, ou naqueles em que O viu praticar os atos da vida comum na casa de Nazaré, ou ainda quando O contemplou imerso em colóquios com o Padre Eterno... Quanta bênção!

Há uma expressão alemã que caracteriza certo tipo de benquerença no relacionamento humano e que, por analogia, bem pode definir o convívio descrito acima: *zusammen sein*. Esse “estar juntos”, esse querer-se bem como o Santo Casal viveu na terra, deve ser a matriz para um convívio agradável e sobrenatural, de quem almeja a felicidade. Porém, como encontrá-lo?

Ora, os Santos nos mostram o caminho. Consideremos, por exemplo, a trajetória de um varão especialmente eleito...

Relacionamento celeste, iniciado na infância

Colônia, século XII. Nesta atraente cidade alemã havia um mosteiro conhecido como Santa Maria a Alta, mais tarde chamado de Santa Maria do *Capitolio*. Foi na igreja desta casa religiosa que se deu um significativo encontro entre dois meninos: um se chamava Hermano; o outro, Jesus. A inocência do primeiro atraiu ao segundo, a própria Inocência Encarnada, o Filho de Deus feito Homem.

Hermano contava sete anos quando iniciou os estudos. Seu gênio dócil e inteligente facilitava o acompanhamento das aulas, servindo de suporte

para as virtudes que praticava desde a mais tenra infância. No entanto, diferente dos meninos de sua idade, ele não gostava de se distrair com os jogos que normalmente entretinham os demais e, por esta razão, evitava as diversões com seus companheiros para se dirigir à igreja do mosteiro.

Estando diante de uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, ele se ajoelhava e, desejoso de se comunicar com os dois, dizia tudo quanto levava em seu pueril coração, olhando ora para o Divino Infante, ora para Maria Santíssima. Contudo, para seu descontentamento, as imagens nada lhe respondiam... A piedosa criança saía da igreja e, no dia seguinte, a cena se repetia.

Em certa ocasião, ele insistiu de um modo diferente. Desejoso de presentear sua amada Senhora, levou-Lhe uma maçã, pois era tudo o que possuía. Ao chegar diante da imagem, pôs-se de joelhos, levantou os braços e com amabilidade Lhe disse: “Senhora, já sabeis que sou pobre e que não tenho outra coisa para Vos oferecer, nem de mais valor, nem de mais bom gosto. Se este presente é desproporcional para Vós, tomai-o ao

O convívio cheio de afeto e de respeito entre Nossa Senhora e São José deve ser a matriz do relacionamento humano nessa terra. Como consegui-lo?

menos para o Menino, pois não ignorais que não há outro de minha maior afeição com quem possa repartir o pouco que tenho”.¹

Para sua alegria, milagrosamente a imagem da Virgem se moveu e com indescritível bondade Ela estendeu a mão para receber a singela oferta. Hermano se dirigia a Maria com a ternura de uma criança, e Ela Se manifestava com maternal afeto.

Amigo do Menino-Deus

Em outro dia, enquanto andava dentro da igreja, depa-rou-se com uma cena encantadora: dois meninos brincavam aos pés de uma bela Senhora. Ao ser visto por Ela, Hermano foi imediatamente convidado para estar com as crianças. A beleza virginal daquela Dama o atraiu, mas com simplicidade infantil Hermano respondeu-Lhe que não conseguia se aproximar por causa da grade que os separava.

Ora, quem ali Se manifestara era a própria Santíssima Virgem, a qual, através da piedosa imagem, o chamava para brincar com o seu Divino Filho e com São João Batista, que se encontravam aos seus pés.

Ensinando-o a escalar a grade, Nossa Senhora ajudou o pequeno Hermano a vencer aquele “obstáculo”, apontando os locais onde deveria colocar os pés para subir. Ele ali permaneceu por certo tempo, convivendo com as santas crianças.

Ao terminar o inocente entretenimento, ele precisava fazer o percurso inverso da “escalada”... Com o auxílio da Virgem a começou, mas antes de chegar ao solo se enroscou em um prego que estava na parede e acabou ferindo-se perto do coração. Mais tarde, essa ferida tornou-se uma



Thomas Hummel (CC by-sa 4.0)

Hermano entrega uma maçã a Nossa Senhora - Igreja de Santo André, Glehn (Alemanha)

Querendo presentear sua Senhora, Hermano oferta-Lhe tudo o que possuía: uma maçã, símbolo da total entrega de si mesmo que no futuro faria

chaga, que permaneceu até o dia de sua morte.

Contudo, esse fato não o impediu de se dirigir outras vezes à mesma igreja; pelo contrário, seu amor a Nossa Senhora, fortalecido por essa prova, não fez senão aumentar. Seu afeto era desinteressado, oposto ao amor egoísta e sentimental cujos efeitos podemos comprovar nas alegrias

frenéticas e efêmeras dos dias de hoje...

Entrada na vida religiosa

Conta-se que conhecidos da família, admirados com a precocidade da vida interior de Hermano, aconselharam-no a ingressar na Ordem Premonstratense, dos filhos espirituais de São Norberto. Assim, como era comum na Idade Média, as portas do mosteiro de Steinfeld abriram-se para receber esta insigne vocação quando ele contava apenas doze anos de idade.

Sem dificuldade, o noviço adquiriu os hábitos e costumes da vida monástica, o que não fez senão aumentar-lhe a dependência com relação a Nossa Senhora, a qual, por sua vez, deixava transparecer nas mais variadas circunstâncias a confiança que nele depositava.

Com efeito, naquele religioso a Ordem Premonstratense viu brilhar de modo especial as virtudes do esposo de Maria, a tal ponto que se criou no mosteiro o hábito de chamá-lo Hermano José. Embora, por humildade, ele manifestasse certa contrariedade com o honroso título, não tardaria em chegar a esse respeito uma aprovação do Céu...

A recompensa pela virgindade consagrada

Certo dia, estando no coro, ele teve uma visão. Dois Anjos conversavam a respeito das virtudes de um varão, e Nossa Senhora, resplendente de beleza, encontrava-Se junto aos espíritos celestes. Hermano os escutava detidamente, enquanto contemplava sua amada Senhora:

— A quem daremos por Esposa esta Soberana Princesa e Virgem puríssima? — perguntou um dos Anjos.

— Quem haveria mais a seu gosto do que este religioso? — Respondeu o outro.

— Pois vem — prosseguiu o primeiro, dirigindo-se a Hermano —, aproxima-te e receberás o maior dos favores que, em prêmio de tua devoção e virginal pureza, o Céu te reservou.

Logo que, impelido pela obediência, ele se acercou da Rainha das Virgens, um dos Anjos disse-lhe:

— Convém que assim seja, José, porque ordenou o Altíssimo que desposos esta castíssima Donzela.

Do desponsório entre a Santíssima Virgem e São José, se originaram outras uniões espirituais, como a estabelecida entre Maria e Hermano



Desponsório de Nossa Senhora e São José - Igreja de São Pedro, Avignon (França)

Desconcertado, o humilde monge não queria atribuir a si o nome do casto esposo de Maria, achando-se indigno de tal honra. Então, aproximou-se um dos embaixadores celestiais e, tomando a mão de Hermano, juntou-a à de Nossa Senhora, realizando o sublime desponsório com estas palavras:

— Vê que te entrego esta Soberana Donzela, para que A tenhas e reconheças por tua Esposa, assim como outrora Ela foi entregue e desposada com São José. E como prenda caríssima desta celestial Esposa, de agora em diante José será também o teu nome.

Poder-se-ia dizer que, do desponsório virginal de Maria e José se originaram outras uniões espirituais ao longo dos séculos, tendo como arquetipo a Sagrada Família. E não seria difícil conjecturar a possibilidade de Hermano participar desse circuito de graças místicas de caráter sponsalício, enquanto religioso. Sua castidade elevava-o a um especial grau de união com Nossa Senhora, reservado a poucos durante a História. Tratava-se de uma alma que parecia estar mais no Céu do que na terra, na qual a graça divina encontrara o canal que necessitava para estabelecer entre os homens um novo convívio com a Santíssima Virgem.²

Assim, a partir daquele dia sua virgindade consagrada recebeu as bênçãos das sagradas núpcias: Maria passou a ser, oficialmente, a Guardiã de seu coração, acompanhando-o dia e noite no mosteiro.

Extremos de afeto de uma amizade ímpar

Numa ocasião, enquanto caminhava pelo claustro, Hermano tropeçou em uma pedra e caiu bruscamente ao chão. Os monges que se encontravam nas proximidades

correram para socorrê-lo e notaram que lhe escorria sangue pelos lábios. Ele, porém, permanecia calmo e sereno, dominando-se para não exteriorizar a terrível dor que sentia.

Apareceu-lhe, então, a Santíssima Virgem e perguntou:

— Diga, meu querido esposo, o que lhe aconteceu?

— Senhora, numa queda que tive perdi dois dentes e estou padecendo dores veementes — respondeu Hermano, com simplicidade.

No mesmo instante, para aliviar o sofrimento de seu amado, Nossa Senhora lhe restituiu os dentes perdidos.

Modelo de religioso

É de se notar que na vida religiosa o amor a Deus se verifica no amor ao próximo e nas boas obras praticadas; do contrário, reinam nela o egoísmo e a soberba.

A caridade evangélica deste Santo, mais tarde fortalecida pela unção sacerdotal, era um dos efeitos mais preclaros de sua relação com a Santíssima Virgem, estendendo-se com naturalidade a seus irmãos de hábito. Narra-se que o seu coração era como um “hospital geral”, um refúgio ao qual podiam acorrer seus confrades, os aflitos e todos aqueles que buscavam um acolhimento seguro, na certeza de o encontrarem no apoio fraterno do religioso.

Mas os seus bons exemplos se verificavam, sobretudo, no sofrimento. A vida de Hermano foi marcada por ininterruptas mortificações corporais, jejuns e abstinências. Ele passava horas em vigílias noturnas, rezando ou meditando, e constantemente era atacado por tentações e enfermidades.

Ademais, sofria de fortes enxaquecas, mal que soube levar até o fim da vida com verdadeira resignação e espírito de sacrifício. Com essa moléstia Deus o provava ora antes, ora durante a Celebração Eucarística. Algumas vezes, sem qualquer explica-

ção física, a dor de cabeça cessava no momento em que ele subia os degraus do altar; outras vezes, pelo contrário, quando se aproximavam certas solenidades da Igreja suas enxaquecas aumentavam. Ignorando tais incômodos, Hermano não media o tempo e permanecia no presbitério, ou no cântico do Ofício, até o término do ato litúrgico, sem jamais deixar transparecer o mal-estar que sentia.

Arroubos místicos junto ao altar

As Missas de Hermano pareciam acompanhar as glórias da eternidade... Durante anos, arroubos místicos e êxtases o detiveram durante a celebração: ele permanecia horas parado, sem mover os lábios nem pestanejar. Algumas pessoas, impressionadas com a cena, acercavam-se para analisar sua fisionomia, que nessas ocasiões manifestava uma pureza angelical! Mas a proximidade de outros não interferia no fenômeno, e ele permanecia imóvel. Quando “acordava”, continuava a Missa no exato lugar em que havia parado, sem nenhuma dificuldade.

Contudo, algumas religiosas ficaram incomodadas pela longa duração dessas Eucaristias e alegaram ao Santo a falta de recursos para conseguirem mais velas, uma vez que estas acabavam mais rápido que o previsto. A fim de ajudá-las a resolver o “problema”, mais espiritual que material, Hermano operou-lhes um milagre: a cera das velas não se consumia enquanto durava a renovação do Santo Sacrifício!

No período em que exerceu a função de sacristão do mosteiro, ele de-



Santo Hermano José - Igreja de São Pancrácio, Kirchenweg (Áustria)

*No fim de sua vida
terrena, Hermano José
recebeu como prêmio
a plenitude da união
com a Santíssima
Virgem por toda
a eternidade*

monstrou especial zelo pela limpeza de tudo aquilo que tocava no culto ao Santíssimo Sacramento, como corporais, alvas e sobrepelizes; e pela ordenação dos objetos litúrgicos, como aconselha a regra premonstratense. Quando administrava os Sacramen-

tos, um jovem sacristão fazia questão de ajudá-lo, especialmente nas Missas. Admirado pelo recolhimento do Santo durante e depois da celebração, sentia-se atraído por uma celestial fragrância que impregnava o local, a qual ele atribuía à castidade de Hermano.

O fim de uma existência angelical

Em 1241 sua trajetória marcada por sofrimentos, provações e milagres chegou ao fim. Contando mais de noventa anos de idade, Hermano entregou sua alma a Deus no mosteiro cisterciense de Hoven.

Narra a História que sete semanas após o falecimento o corpo ainda se encontrava incorrupto. Durante o traslado para o mosteiro de Steinfeld, as pessoas se aglomeravam em torno do féretro para pedir graças e curas; muitos se converteram ao sentir o perfume que emanava de seu corpo virginal, da mesma forma como acontecera durante sua vida.

Ainda hoje, em meio aos horrores de toda espécie que nos rodeiam, a vida deste Bem-aventurado nos atrai à prática da virtude angélica. Conforme descreveu um de seus biógrafos, ele foi “virgem no coração, virgem nos olhos, virgem nos ouvidos, virgem no olfato, virgem no paladar, virgem no tato, de tal sorte que respirava fragrâncias de virginal pureza por todos os seus sentidos e por todos os seus membros”.³

Em suma, Santo Hermano José soube encontrar no relacionamento com Maria Santíssima, o *Vas spirituale* onde os Santos guardam sua castidade, a verdadeira felicidade nesta terra! ✨

¹ NORIEGA, Joseph Estévan de. *El segundo esposo de María. Vida maravillosa del Beato Joseph Hermano*. Madrid: Miguel de Rezola, 1730, p.9.

² Em suas homilias sobre o Cântico dos Cânticos, São Gregório de Nisa toma o matrimônio humano como ponto de partida para se compreender o matrimônio espiritu-

al, o qual consiste na união da alma com Deus. Essa união se expressa no mistério da Encarnação e tem como arquétipo a união de Cristo com a Igreja (cf. SÃO GREGÓRIO DE

NISA. *In Canticum Canticorum*. Homilia 1; 4: PG 44, 770-771; 835-838).

³ NORIEGA, op. cit., p.157.



Dona Lucilia, ajudai-me!

Maternal bondade para libertar uma pessoa sequestrada, para solucionar uma dificuldade financeira, para ajudar um casal nos cuidados com sua filhinha... assim Dona Lucilia intervém em favor dos que a ela recorrem.



✠ **Elizabete Fátima Talarico Astorino**

Nada pressagiava o forte abalo que a família de Pamela Balda sofreria naquela tarde de quinta-feira, 30 de maio de 2024. Na casa onde ela reside com seus pais e sua irmã, em Guayaquil, Equador, as atividades diárias decorriam com toda normalidade quando, por volta das treze horas, sua mãe, Da. Anita Mariela Desiderio Hinostroza, foi vítima de um sequestro durante um percurso em automóvel.

A notícia deixou seus familiares consternados. Igualmente chocados ficaram parentes, amigos, conheci-

dos... O fato ocorreu em plena luz do dia, numa rua bastante movimentada e, como sói acontecer, as primeiras buscas para localizar o paradeiro de Da. Mariela foram infrutíferas.

Primeira tentativa de resgate

À medida que se passavam as horas, aumentava o peso da provação em todos os membros da família: a incerteza, o medo e a angústia pelo destino de Da. Mariela lhes oprimiam o coração. Pamela descreve alguns pormenores do drama que atravessaram:

“Recebemos muitas mensagens de extorsão, pedindo uma quantia enorme de dinheiro, que não podíamos pagar. Negociando com os sequestradores, concordamos em pagar-lhes um certo valor pela libertação de minha mãe. Depositamos o dinheiro, esperamos a noite toda, até as primeiras horas da manhã, mas minha mãe não chegou. Em nosso desespero, pensamos que ela nunca mais voltaria. Sinceramente, tive uma crise de fé, porque o maligno geralmente se aproveita desses momentos de angústia”.

Mas pouco depois, ao assistir na internet a um vídeo dos Arautos do Evangelho, Pamela sentiu como se Deus estivesse falando com ela, e então recobrou a confiança. Nada mais natural. As pro-



Reprodução

Momento do sequestro de Da. Mariela, registrado por uma câmera de segurança

Um grande sofrimento atingiu a família de Da. Mariela de modo inesperado. Neste momento, como não deixar-se abalar na virtude da fé?

vas e as dificuldades pelas quais passamos são tanto mais duras quanto menos esperadas e quanto mais nos ferem no que temos de mais precioso; neste caso, o amor filial.

Em tais circunstâncias a tentação de desespero pode se fazer sentir com força e, se não fosse um auxílio sobrenatural, Pamela, como qualquer outra pessoa, teria sucumbido na prova. Porém, sendo consagrada como escrava de amor a Maria Santíssima, esta Mãe Celestial veio em seu auxílio, indicando-lhe um meio de obter a graça que tanto ansiava: pedir a intercessão de Dona Lucilia.

Um bom conselho, no momento oportuno

Pamela prossegue seu relato:

“Nunca tinha ouvido falar de Dona Lucilia, mas soube dela porque tenho um amigo de infância, que considero como meu irmão, nos Arautos do Evangelho. Fazia muito tempo que eu não falava com ele, mas nesse momento de aflição quis contar-lhe o que havia acontecido, para pedir suas orações. Assim, quando lhe disse que minha mãe havia sido sequestrada, ele me aconselhou a recorrer à intercessão de Dona Lucilia, garantindo que ela a traria de volta. Isso aconteceu na noite de terça-feira, 4 de junho. A partir de então, passei a pedir muito a ela por minha mãe.

“No dia seguinte a esta conversa – ou seja, na quarta-feira, 5 de junho, pela manhã – rezei um terço de jaculatórias, rogando a Dona Lucilia que me desse uma prova de que minha mãe estava viva. À tarde, por volta das dezesseis horas, os sequestradores nos enviaram uma mensagem de voz de minha mãe! Foi definitivamente um ‘milagre’. Afinal, sabíamos que ela estava viva, e o fato serviu de motivação para a polícia continuar a busca”.

Segunda tentativa de resgate

O sinal que Pamela pedira a Dona Lucilia estava dado, e ela não demo-

rou em transmiti-lo aos agentes da polícia, a fim de que eles também recorressem ao auxílio desta bondosa dama:

“Eu lhes disse que Dona Lucilia tinha feito um ‘milagre’ para nós. Eles ficaram muito interessados, perguntaram o nome dela e até me escreveram pelo WhatsApp, solicitando mais informações. Enviei-lhes então um *link* do Youtube onde se relatavam alguns de seus ‘milagres’. No dia seguinte, quinta-feira, 6 de junho, eles já tinham decidido procurar os criminosos. Então lhes pedi que rezassem a Dona Lucilia porque, se graças a ela eu tinha recebido o sinal de que minha mãe ainda estava com vida, graças a ela iríamos descobrir também o seu paradeiro. E foi isso que eles fizeram”.

As buscas prosseguiram, com alguns resultados animadores, mas estava reservada à família da sequestrada uma nova decepção: “Às dezenove horas a polícia nos deu a notícia de que haviam encontrado dois dos delinquentes envolvidos no caso, e que supostamente um deles ia mostrar onde minha mãe estava. Ele levou a polícia ao local onde a mantinham presa, mas minha mãe

não estava mais lá... Foi um momento horrível, mas algo dentro de mim dizia-me que estávamos perto de encontrar minha mãe, que eu não deveria desistir. Continuei, pois, rezando a Dona Lucilia”.

Afinal, a libertação

Pamela não só continuou a rezar, mas promoveu uma mobilização de orações, compartilhando sua história com os conhecidos e pedindo que todos se unissem às suas súplicas a fim de obter, por intermédio de Dona Lucilia, a libertação de sua mãe. E o resultado não se fez esperar: “Na madrugada de sexta-feira, 7 de junho, o criminoso que mantinha mi-

Familiares e amigos se uniram em oração pedindo a Deus, por intercessão de Dona Lucilia, que Da. Mariela fosse libertada do cativoiro



Da. Mariela, com um quadrinho de Dona Lucilia, cercada por seu esposo e suas filhas, Estefanía e Pamela (à direita)

Reprodução

nha mãe presa entrou em contato comigo”.

A situação era muito delicada, pois a polícia tinha em seu poder dois dos sequestradores, mas ainda não descobria o restante da quadrilha nem o paradeiro de Da. Mariela, e temia-se que, em represália, eles atentassem contra sua vida. Seguiram-se mais algumas exigências por parte dos delinquentes e finalmente, por volta das vinte horas e quarenta e cinco minutos, eles disseram que a libertariam. De fato, ela chegou a casa em menos de meia hora.

Os sequestradores tinham abandonado Da. Mariela num lugar deserto e escuro. Ela não fazia ideia de onde estava. Alguns agentes da polícia passaram por ali, mas a ignoraram totalmente, pois não podiam imaginar de quem se tratava. Por fim, um homem que transitava de motocicleta parou e Da. Mariela pediu-lhe informações. Com muita gentileza, ele se prontificou a levá-la até a rua principal e a ajudou inclusive a tomar um táxi. Para a família, esse gesto só pode ter sido fruto de um auxílio sobrenatural.

Pamela conclui assim seu relato: “Desde o domingo, 2 de junho, todas as noites rezamos em família o Terço e a novena de Nossa Senhora de Fátima, com a intenção de que minha mãe aparecesse. Eu rezava o Terço individualmente desde que ela desapareceu, e até hoje ainda o faço, mas agora junto com minha mãe. Contei-lhe tudo sobre Dona Lucília e ela também recorre à sua intercessão. Prometi a Dona Lucília rezar-lhe diariamente, junto com meus pais e minha irmã, um terço de jaculatórias, até o fim de minha vida”.

Graças ao auxílio de Dona Lucília, Pamela teve sua família novamente reunida e, ademais – dom de valor inestimável –, alicerçada na fé e na oração. Uma família assim está preparada para enfrentar todo tipo de provas e dificuldades.

Solução de um problema financeiro

Como vimos acima, Pamela compartilhou suas aflições e esperanças com os conhecidos, pedindo as orações de todos pela pronta libertação de sua mãe. Isso certamente não aconteceu por mero acaso, mas sim por inspiração divina, levando-a a difundir “o bom odor de Cristo” (II Cor 2, 15) por intermédio de Dona Lucília, de modo que esta pudesse interceder, não só em favor de sua família, mas também daqueles que soubessem do ocorrido com Da. Mariela.

Uma beneficiária dessa “mobilização” foi Da. Maria de Lourdes Ubilla

Bustamante, também residente em Guayaquil, que iniciou seus pedidos a Dona Lucília em favor de Da. Mariela e acabou sendo favorecida na solução de um problema financeiro, conforme ela própria relata:

“Tomei conhecimento de Dona Lucília por meio de minha filha, porque a mãe de uma de suas melhores amigas havia sido sequestrada e ela pediu a seus conhecidos e amigos que rezassem e prometessem algo a Dona Lucília para que sua mãe voltasse sã e salva. Lembro-me de que, quando soube, comecei a pesquisar sobre ela e vi que fazia muitos ‘milagres’. Junto com minha filha, oramos muito pela senhora sequestrada e, alguns dias depois, recebemos a notícia de sua libertação. Desde então, não paramos de rezar a Dona Lucília, e eis que ela me concedeu também um favor”.

Desde o ano de 2022, Da. Maria de Lourdes tentava receber do IESS – Instituto Equatoriano de Segurança Social – uma vultosa importância que lhe era devida. Além da lentidão própria às decisões deste tipo de órgãos públicos, o pagamento era sempre postergado. Finalmente, ela decidiu recorrer a Dona Lucília.

“No dia 12 de junho”, narra ela, “tendo uma real necessidade desse dinheiro, pedi a Dona Lucília, com muita fé, que intervisse. Pouco depois, fui para o meu quarto e constatei que havia recebido pelo telefone uma notificação do IESS: eles comunicavam que o problema fora resolvido. Verifiquei minha conta bancária e – oh, surpresa! – eles haviam depositado todo o dinheiro da dívida de uma só vez. Sou muito grata pelo favor recebido de Dona Lucília. Estou contando o fato a muitas pessoas!”

Dificuldade para solucionar um incômodo infantil

Outra família, em situação completamente diferente, recebeu de Dona Lucília uma graça muito peculiar e quer compartilhá-la com nossos



Dona Lucília com sua neta, em 1929

Dona Lucília se faz presente nas mais diversas circunstâncias, mostrando que é um mãe para todos os momentos e em qualquer dificuldade

Tendo recorrido a Dona Lucília para marcar a intervenção cirúrgica de sua filha, o casal recebeu a graça de que ela não mais precisasse fazê-la



Da. Juliana e o Sr. Leonardo, com Mariana Lucília; ao lado, laudo do pediatra que atendeu a criança

leitores. Trata-se de Da. Juliana Araújo Ferreira Rosa e seu esposo, Sr. Leonardo Picinatto Rosa, que já narraram nesta Revista como sua terceira filha, Ana Maria, foi curada de um cisto pela intercessão de Dona Lucília.¹

Recentemente o casal recebeu outra graça por intermédio desta bondosa protetora, para solucionar um pequeno incômodo que sofria a mais nova de suas filhas, Mariana Lucília.

Conta-nos Da. Juliana: “Quando Mariana Lucília nasceu, percebi que ela tinha o frênulo lingual muito curto, ou seja, o freio sublingual estava bem perto da ponta da língua, de modo que ela não conseguia nem pôr a língua para fora. Isso, evidentemente, atrapalhava um pouco o processo de alimentação da criança”.

Por essa razão, na primeira semana de vida a pequena Mariana estava ganhando pouco peso, uma vez que não conseguia alimentar-se com facilidade. Preocupado com a situação, o casal levou a criança ao pediatra, a fim de encontrar uma solução para o problema: “O médico disse que ela teria de fazer uma pequena cirurgia, algo bem simples, que consiste em cortar o freio da língua. Feito isso, o bebê vai se adaptando e consegue alimentar-se direito”.

A consulta médica aconteceu numa segunda-feira. Desejosos de remediar o mal sem delongas, Da. Juliana e o Sr. Leonardo logo procuraram vários odontopediatras a fim de marcar o procedimento, mas nenhum deles

tinha horário disponível naquele dia nem nos subsequentes; só poderiam atendê-los no final da semana.

Vendo-se humanamente impotentes para ajudar sua filha, ambos decidiram pedir a Dona Lucília que intercedesse por ela.

Caso resolvido, sem intervenção cirúrgica!

Continua a narração de Da. Juliana: “Naquela madrugada, por volta das três horas, a Mariana acordou com fome e, enquanto eu a atendia, lembrei de rezar o terço da misericórdia pedindo, por intercessão de Dona Lucília, que se resolvesse seu problema.

“Já pela manhã, enquanto eu preparava algumas vitaminas para ela tomar, a Mariana começou a chorar porque queria se alimentar. Então percebi que o freio da língua dela tinha se descolado sozinho... Foi algo impressionante! Imediatamente agradeci a Dona Lucília, porque ela havia dado um jeito antes do que nós esperávamos. Queríamos apenas conseguir um médico que fizesse o procedimento logo, e ela intercedeu para que o freio se descolasse sem intervenção cirúrgica...”

Tendo sido enviada uma fotografia da língua de Mariana Lucília para o seu pediatra, a fim de explicar-lhe o acontecido, o médico respondeu, ad-

mirado, que nunca vira um fato semelhante... A partir daquele dia a criança começou a alimentar-se muito melhor e, na consulta rotineira com o especialista na semana seguinte, verificou-se que ela havia ganhado mais do dobro do peso em relação à semana anterior, uma comprovação de que o problema se resolvera por completo.

Conta-nos ainda Da. Juliana: “O médico avaliou a Mariana e disse: ‘Não consigo acreditar, mas o freio descolou sozinho! Parece que alguém fez a cirurgia, deixando a língua dela normal’”. A reação do pediatra, do ponto de vista científico, é mais do que compreensível. Por isso, ele emitiu um laudo declarando que em todos os anos de profissão nunca tinha visto um problema desse gênero se solucionar sem uma intervenção cirúrgica e, além do mais, sem deixar qualquer marca.

Para Da. Juliana e o Sr. Leonardo, a solução do caso tem um nome: “Mais uma graça que nós atribuímos à intercessão de Dona Lucília! E nós comprovamos, com isso, que ela cuida de tudo mesmo!” ✦

¹ Ver o artigo *Mãe sempre solicita e generosa*, publicado nesta mesma seção da revista *Arautos do Evangelho*, edição número 260, de agosto de 2023.

A Jesus, por Maria

O mês de fevereiro foi marcado por especiais bênçãos mariais para os fiéis de língua castelhana que realizaram sua consagração como escravos de amor a Jesus, pelas mãos de Maria, através do curso oferecido pela Plataforma de Formação Católica Reconquista. As cerimônias tiveram lugar em Madri, Sevilha e Málaga, Espanha; em Toronto, Canadá; em Los Angeles, Miami e Garden Grove, Estados Unidos; em San José, Heredia e Cartago, Costa Rica; em San Salvador e Santa Ana, El Salvador; em Medellín e Tocancipá, Colômbia; em Quito e Cuenca, Equador; em Lima e Cuzco, Peru; em Asunción e Ypacaraí, Paraguai; bem como nas capitais Cidade do México, Cidade da Guatemala, Santo Domingo, Santiago do Chile, Buenos Aires e Montevideú.



Alejandro Costantini

Argentina



Ronny Fische

México



Pablo Olivera

Garden Grove (Estados Unidos)



Freddy Gutiérrez

Madri



Cuenca (Equador)



César Galarza

República Dominicana



Reno García

Miami (Estados Unidos)



Canadá



Marcelo Vincenti

Chile



José Rugeles

Málaga (Espanha)



Julio César Buitrago

Uruguai



Valer Serrano



Tocancipá (Colômbia)



Los Angeles (Estados Unidos)

Vincent Bassi



Ypacaraí (Paraguai)



Quito

Stefano Gavilanes



Emilio Pérez



Heredia (Costa Rica)



Santa Ana (El Salvador)

Sebastián Cadavid



Roberto Ferronato



Medellín (Colômbia)



Guatemala

Roberto Salas



San José



San Salvador

Sebastián Cadavid



Cuzco (Peru)

Mauro Tanguuchi



Estados Unidos – Entre os dias 10 e 16 de fevereiro, membros dos Arautos do Evangelho realizaram uma grande missão mariana na região da Catedral de Cristo, em Garden Grove, Califórnia. Diariamente houve a celebração da Santa Missa, Confissões, palestras, momentos de oração e visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria aos lares. A missão se encerrou com três Missas dominicais, celebradas em inglês, espanhol e vietnamita.



Espanha – Cooperadores dos Arautos do Evangelho reuniram-se nos dias 22 e 23 de fevereiro, na casa da instituição em Toledo, para o VII Encontro Nacional. Além das palestras e momentos de oração em comum, os participantes puderam desfrutar de um ameno convívio.



Costa Rica e El Salvador – Por ocasião do aniversário da aprovação pontifícia dos Arautos do Evangelho, em 22 de fevereiro, cooperadores da Costa Rica (foto 1) e El Salvador (foto 3) renovaram seus compromissos como membros da instituição. No mesmo mês, os cooperadores da Costa Rica participaram de um retiro pregado pelo Pe. Leonardo Barraza, EP (foto 2).



Fotos: Gabriel Weiler

Ponta Grossa (PR) – Na casa dos Arautos do Evangelho localizada na cidade paranaense de Ponta Grossa, realizou-se mais uma abençoada “Tarde com Maria”. A programação iniciou-se com a solene coroação da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, seguida de uma palestra com o Pe. Ricardo José Basso, EP, e da celebração da Santa Missa.



Fotos: Guillermo Torres



Fotos: Xavier Jacob

Paraguai – Entre os dias 12 e 16 de fevereiro, sacerdotes arautos dedicaram-se a atender os ancião e enfermos da Paróquia de Santa Liberata, na cidade de Villarica, administrando-lhes os Sacramentos da Confissão e da Unção dos Enfermos. Cada dia de missão se encerrou com uma palestra de formação e a celebração da Santa Missa na capela da comunidade visitada (fotos 1 a 3). No dia 2 do mesmo mês, os Arautos participaram da Missa em honra da padroeira na Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em Capiatá (fotos 4 e 5).



Uma virtude oculta em simples palavras

Quão rara é a virtude da gratidão! Muitas vezes ela se pratica com meras palavras, por educação. Todavia, para ser autêntica é preciso que ela transborde do coração com sinceridade.

✠ Lucas Rezende de Sousa



Creio que o leitor nunca terá parado para contar quantas vezes em um dia ouve ou diz um “muito obrigado”, mesmo num mundo em que se usa cada vez menos essa expressão. Acredito, inclusive, não ter sido o primeiro a fazer-lhe ecoar hoje aos ouvidos tão sugestiva fórmula.

Entretanto, como não raras vezes acontece com aquilo que se faz diariamente, o uso dessa fórmula acabou desgastando-se de modo considerável, e o seu significado mais profundo tornou-se desconhecido por quase todos aqueles que dela se servem no dia a dia. *Assueta vilescunt...*

Alguns veem o “muito obrigado” como simples membro daquela família que tem por matriarca a nobre senhora “boa educação”, por irmãos o aristocrático “por favor” e o gentil “com licença”, e por primos todas as famosas “palavrinhas mágicas” que se aprendem quando criança.

Mas, na verdade, por detrás dessas duas palavras aparentemente anódinas, escondem-se ensinamentos valiosos sobre este ato ao mesmo tempo tão comum e raro, simples e belíssimo que é o de agradecer.

Em cada língua, um matiz diferente

Os povos de língua inglesa expressam sua gratidão através do *thank you*,

e a formulação alemã não é muito diferente: *vielen Dank*. Os italianos dizem *grazie* e os espanhóis *gracias*, ambos por influência do latim: *gratias ago*. Os franceses preferem o *merci beaucoup*; os árabes, o *shukran jazylan*; os japoneses, por sua vez, optam pelo simpático e austero *arigatô*.

É verdade que todas essas formulações têm a mesma finalidade: agradecer. Entretanto, em cada um dos

idiomas, o modo de fazê-lo possui um matiz próprio.

São Tomás de Aquino explica que a virtude da gratidão comporta três graus: “O primeiro, é que o homem reconheça o benefício recebido; o segundo, consiste no *louvor* e na *ação de graças*; o terceiro, consiste em prestar a *retribuição* no lugar apropriado e no momento oportuno, de acordo com as posses de cada um”¹.

Claro está que não é necessário recorrer a esses três elementos ao mesmo tempo; cabe ao homem prudente decidir conforme as circunstâncias se um resulta suficiente, ou se precisa colocar os três em execução.

Talvez por esse motivo nenhum idioma acima mencionado expresse os três graus de gratidão simultaneamente. Cada qual, a seu modo, refere-se a um deles.

Primeiro passo da gratidão: um exercício de memória

Reconhecer. É o que procura fazer o *thank you*: na língua inglesa *to thank* – agradecer – e *to think* – pensar – são, etimologicamente, a mesma palavra. E assim acontece também com o alemão: *zu danken* – agradecer – tem origem em *zu denken* – pensar. Trata-se do primeiro grau da gratidão. De fato, não se pode agradecer a um benfeitor sem



O primeiro grau da gratidão consiste no reconhecimento do favor recebido e em recordar-se do benfeitor

Um dos leprosos curados volta para agradecer - Biblioteca do Mosteiro de Yuso, San Millán de la Cogolla (Espanha)

considerar, sem reconhecer, sem pensar no benefício que ele nos fez.

Esse reconhecimento deve estar presente, sobretudo, em nosso relacionamento com o Senhor. São Tomás afirma que, para cumprir perfeitamente o Mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas, a primeira condição é “guardar a lembrança dos benefícios divinos”.²

Vê-se então que, quando se almeja adquirir a virtude da gratidão, deve-se começar por exercitar bem a memória... É claro: quem não se lembra de seu benfeitor, não agradece; e quem não agradece, pondera Santo Agostinho,³ perde até o que tem.

Por vezes, não basta reconhecer

A forma de agradecimento de uma grande parcela das línguas latinas situa-se no segundo grau enumerado por São Tomás: a ação de graças. Exemplo disso é o próprio latim – *gratias ago* –, o espanhol – *gracias* –, o italiano – *grazie* – e o francês – *merci*.⁴ A expressão árabe *shukran jazylan* refere-se igualmente à ação de graças.

Em boa parte dos casos, não basta apenas reconhecer interiormente o benefício que se recebe; é justo e até indispensável manifestar nossa alegria a quem nos fez um bem; aliás, trata-se de um dever de educação. Às vezes, porém, sequer necessitamos fazê-lo com palavras; a simples demonstração de regozijo já constitui um agradecimento.

Isso ocorre, sobretudo, em nosso relacionamento para com Deus. De singular beleza é a comparação feita por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira a esse respeito: “A água de um chafariz que bate no chão e depois respinga para o alto numa porção de gotas é, também, símbolo da gratidão do beneficiário sobre o qual recaem os favores celestes e que lança para cima, de novo para o Céu, a sua filial e jubilosa ação de graças”.⁵

Pelo contrário, explica São Bernardo,⁶ quando somos ingratos a



Como as gotas de água de um chafariz é a gratidão de quem recebe os favores celestes e lança de novo para o Céu sua jubilosa ação de graças

Chafariz - Mairiporã (SP)

nosso Divino Benfeitor, Ele poderá considerar perdido o favor que nos fez e dificilmente voltará a no-lo conceder, para não desperdiçar os tesouros de sua Providência.

Uma obrigação que se faz espontaneamente

Por fim, chegamos ao nosso tão caro “muito obrigado”. O que vem a significar, pois, tal expressão? Por acaso queremos mostrar a nosso benfeitor que não apreciamos o seu dom e fomos “obrigados” a aceitá-lo? Ou então, desconfiando de sua boa intenção, julgamos ter ele sido “obrigado” por algo ou alguém a nos fazer um favor? Certamente não...

Na verdade nossa fórmula tão singular é a única a situar-se, de maneira clara, naquele terceiro e mais profundo nível da gratidão de que fala o Doutor Angélico, o qual evidentemente pressupõe os dois anteriores: *ob-ligatus*; trata-se de um vínculo, um dever de retribuir.⁷

Quando dizemos “obrigado”, mostramos ao benfeitor que nosso agrado pelo bem concedido é grande a ponto de suscitar em nós uma obrigação de recompensá-lo de certa forma.

Contudo, não se trata de algo à maneira de dívida, mas sim de uma necessidade de honra, que parte do nosso coração. Desse modo, a retribuição torna-se uma “obrigação que se cumpre espontaneamente”.⁸

Por esta mesma razão, acrescenta ainda São Tomás,⁹ não é conveniente que ela seja imediata, pois quem se apressa em retribuir não tem espírito de homem grato, mas sim de devedor que não vê a hora de se ver livre da dívida. Convém aguardar o momento oportuno.

Devemos superar o bem que recebemos

Pelo menos neste aspecto – talvez um dos únicos – podemos dizer que o português e o japonês são muito semelhantes. O atraente *arigatô* refere-se também ao terceiro e mais alto grau de gratidão, mas de um modo peculiar.

Arigatô pode significar: a existência é difícil, é difícil viver, raridade, excelência.¹⁰ Compreende-se com facilidade os dois últimos sentidos: num mundo em que a tendência geral consiste em cada um pensar em si, o agradecer – ato tão natural e simples – torna-se raro e até excelente. Mas como relacionar “a existência é difícil” com a gratidão?

No que se refere à retribuição, São Tomás de Aquino¹¹ – com muita razão – mostra-se bastante exigente. Segundo ele, a recompensa deve ser maior do que o benefício recebido.

Eis a razão: uma vez que fomos objeto de um favor e, portanto, de um obséquio gratuito, adquirimos uma verdadeira obrigação de conceder algo também de graça. Ora, se a retribuição for inferior ao benefício, nossa “dívida” de honra não estará “paga”; se for igual, apenas quitaremos o que recebemos. Portanto, para retribuir dignamente, faz-se necessário superar o bem que nos foi prodigalizado.

Entretanto, se às vezes é difícil, ou mesmo impossível, sequer igualar em mérito o bem feito a nós, como superá-lo? Por exemplo, nunca se poderá

prestar a Deus – ou mesmo aos próprios pais – toda a honra a Ele devida por tudo o que recebemos. Entende-se assim o quanto “a existência é difícil”, o quanto “é difícil viver”, a partir do momento em que fomos objeto de um benefício e que nos colocamos na disposição de recompensá-lo à altura.

Como sair dessa situação? Não pareceria melhor jamais ser alvo de uma benevolência, fugir de todo e qualquer benfeitor, a ter de suportar um fardo tão pesado como é a gratidão? Se o leitor pensou isso, por favor acalme-se; a solução resulta muito mais fácil.

Gratidão não é sinônimo de pagamento

Em primeiro lugar, é necessário ter presente que o verdadeiro benfeitor age despretensiosamente, sem esperar retribuição. Portanto, fugir dele, com medo de se tornar um eterno endividado, seria como procurar esconder-se do sol à meia-noite...

O mundo hodierno, onde tudo é comércio, compreende muito pouco a virtude da gratidão. Por isso Dr. Plínio Corrêa de Oliveira lamenta-se de “que a virtude da gratidão seja entendida hoje de um modo contábil. De maneira que, se alguém me faz um benefício, eu devo responder, contabilisticamente, com uma porção de gratidão igual ao benefício recebido. Há, portanto, uma espécie de pagamento: favor se paga mediante afeto, bem como mercadoria se paga mediante dinheiro.



O terceiro grau da gratidão requer uma retribuição de amor, em virtude do vínculo criado com o benfeitor

Missa na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Caieiras (SP)

Então, eu recebi um favor e tenho de arrancar de minha alma um sentimento de gratidão”.¹²

A verdadeira retribuição é muito mais acessível do que nós imaginamos, pois o benefício não se paga com ouro ou prata. O tesouro do qual brota a gratidão está em nós mesmos: o nosso coração.

O verdadeiro sentido desta esquecida virtude

Para discernir, pois, acerca da verdadeira face de tão nobre virtude, passo novamente a pena a Dr. Plínio, que a explicou com a precisão, a profundidade e o voo que lhe são próprios:

“A gratidão é, em primeiro lugar, o reconhecimento do valor do bene-

fício recebido. Em segundo lugar, é o reconhecimento de que nós não merecemos aquele benefício. E, em terceiro lugar, é o desejo de dedicar-nos a quem nos fez o serviço na proporção do serviço prestado e, mais ainda, da dedicação demonstrada com relação a nós. Como dizia Santa Teresinha, ‘amor só com amor se paga’. Ou a pessoa paga dedicação com dedicação ou não pagou”.¹³

Uma disputa entre dedicações: eis a virtude da gratidão. Quão belo e nobre sermos êmulos uns dos outros no que diz respeito ao afeto, à benquerença, à dedicação. Segundo São Paulo, esta é a única dívida digna de um cristão: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco” (Rm 13, 8).

Ora, no que consiste essa dedicação senão naquele vínculo tão bem expresso em nosso “muito obrigado” – *obligatus*? Quanta profundidade em tão simples palavras! Pronunciá-las é muito fácil, mas pô-las em prática... Nesse sentido, podemos dizer com Mons. João Scognamiglio Clá Dias: “Quão rara é a virtude da gratidão! Muitas vezes ela se pratica apenas por educação e meras palavras. Todavia, para ser autêntica, é preciso que ela transborde do coração com sinceridade”.¹⁴

Por fim, ciente de quanto esforço fez o leitor para chegar ao término deste artigo, não ousaria encerrá-lo de outro modo a não ser com um sincero e caloroso “muito obrigado”! ✨

¹ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.107, a.2.

² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *De decem praeceptis*, a.1.

³ Cf. SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. Sermo 283, n.2. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1984, v.XXV, p.96.

⁴ “Merci é derivado de *merces* – salário –, que tomou no latim popular o sentido de preço, do qual derivou o de *favor* e o de *graça*” (LAUAND, Jean.

“Obrigado”, “Perdoe-me”: a Filosofia de São Tomás de Aquino subjacente à nossa linguagem do dia a dia. In: *Hospitalidade*. São Paulo. Ano XVI. N.2 [maio-ago, 2019], p.142, nota 11).

⁵ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Como grandes voos de espírito. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano IV. N.43 (out., 2001), p.34.

⁶ Cf. SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. Sermo 27, n.8.

In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 1988, v.VI, p.232.

⁷ Cf. LAUAND, op. cit., p.142.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.106, a.1, ad 2.

⁹ Cf. Idem, a.4.

¹⁰ Cf. LAUAND, op. cit., p.142.

¹¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, op. cit., a.6.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 1/6/1974.

¹³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 27/12/1974.

¹⁴ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Dez curas e um milagre. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2012, v.VI, p.412.

...como surgiu a aclamação do Aleluia?

Entre as temperantes explosões de júbilo que marcam a cerimônia da Vigília da Noite Santa, uma chama a atenção por sua cândida e solene efusividade. Trata-se do anúncio da Páscoa, momento em que o diácono, dirigindo-se ao celebrante, faz uma proclamação cuja palavra final – silenciada durante toda a Quaresma e depois frequentemente repetida ao longo do Ano Litúrgico – parece concentrar o regozijo que pervade as almas dos fiéis pela vitória de Cristo sobre o pecado e a morte: “Reverendíssimo pai, eu vos anuncio uma grande alegria: Aleluia!”

Mas você sabe o significado desta palavra e por que ela é usada na Sagrada Liturgia?

O termo *aleluia* provém da expressão hebraica *hallelu Yah*, que significa louvai o Senhor. Empregado ori-

ginalmente no culto israelita, a Santa Igreja o assimilou, sendo considerado uma aclamação de triunfo, um brado de alegria.

Seu uso litúrgico surgiu no Oriente, mais precisamente em Alexandria, com Santo Atanásio e São Cirilo. Deve-se provavelmente ao Papa São Dâmaso, por instâncias de São Jerônimo, sua introdução no Ocidente. A princípio era utilizado apenas no dia da Páscoa, estendendo-se no século V a todo o Tempo Pascal e, depois, por disposição do Papa São Gregório Magno, às Missas do ano inteiro, exceto as da Quaresma e de outros dias penitenciais. ✠



Vigília Pascal na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP), no ano de 2019

...que o corporal deve ser de linho branco?

São João nos narra em seu Evangelho que, após a Morte de Nosso Senhor, José de Arimateia e Nicodemos “tomaram o Corpo de Jesus e envolveram-no em panos com aromas” (Jo 19, 40). Com efeito, era costume entre os judeus amortalhar os corpos com faixas de linho e ungi-los com bálsamo, antes de levá-los à sepultura.

Em atenção ao cuidado, reverência e desvelo que esses dois discípulos tiveram com o Corpo do Senhor, a Santa Igreja determinou que sempre se empregassem peças de linho puro na confecção de todos os panos sagrados destinados diretamente ao serviço do altar, como, por exemplo, o corporal.

Sendo uma das mais antigas alfaias usadas na Santa Missa, o corporal é uma peça quadrada, com uma cruz

bordada próximo à orla, utilizado para nele se apoiar os vasos sagrados que contenham a Eucaristia. Ele simboliza assim um novo sudário, destinado a resguardar o Corpo de nosso Redentor, não mais no sepulcro, mas durante a renovação incruenta do Sacrifício do Calvário.

Nos primórdios da Igreja, o corporal era maior que os atuais, a ponto de serem necessários dois diáconos para estendê-lo sobre o altar. Inclusive se utilizava uma de suas extremidades para cobrir a copa do cálice, costume substituído mais tarde pelo uso da pala.

A cor branca do corporal tem por simbolismo o estado de graça daqueles que se aproximam do altar, condição indispensável para a recepção da Comunhão. ✠



Celebração da Santa Missa

Entre o mosteiro e o “shopping center”

Explosão de cores, elegância nas formas, luxo nos mínimos detalhes... Bom gosto ou exagero? Para que tanta beleza?

✠ Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP



O prédio que ilustra estas páginas, construído em fins da Idade Média num estilo gótico *flamboyant* policromado, é clara amostra do espírito que impregnou sua época.

O chamativo e verdadeiramente artístico telhado permite ao espectador adivinhar a altura do pé-direito dos salões interiores. Um destes encontra-se também aqui retratado: seu teto em arcos, seus vitrais e seu lindo retábulo, dispostos junto a camas adornadas com esmero, formam um conjunto que desnorteia. Capela? Dormitório? Do que se trata, afinal?

Se de um mosteiro, que audácia revelariam seus habitantes em dispor um altar com o Santíssimo Sacramento no próprio local onde dormiam!... Mas estamos longe disso. Na verdade, um nobre chamado Nicolas Rolin construiu este “palácio” com vistas a ser... um hospital de caridade para indigentes! Trata-se do *Hôtel-Dieu* de Beaune, cidade da Borgonha, na França, uma mera amostra do espírito de caridade que animava a Civilização Cristã como um todo.

Os estabelecimentos sanitários cristãos, a princípio, visavam essencialmente abrigar os estrangeiros, mas também cuidavam dos doentes.¹ Aos poucos, contudo, esta última finalidade foi-se tornando a principal. Nesse sentido, exerceu grande influência a Ordem dos Cavaleiros de São João,

conhecidos como Hospitalários, e a acolhedora hospedagem por eles fundada em Jerusalém. Segundo o código de administração do local, escrito em 1150, todo enfermo que dali se aproximasse deveria receber os Sacramentos da Confissão e da Eucaristia, sendo depois conduzido à sua cama e, independentemente de sua condição social, tratado como um Senhor.²

O hospital de Jerusalém não tardou a inspirar, em vários pontos da Cristandade, a criação de instituições que haveriam de imitar-lhe a seriedade no cuidado aos doentes e a preocupação por sua limpeza física e moral. Isso para não falar dos outros milhares de centros caritativos, ou das prestigiosas cátedras de Medicina, que o amor a Deus fez surgir no Ocidente e Oriente cristãos.

Contudo, a caridade não estava destinada a sentar-se para sempre no mitológico trono de Esculápio. No período moderno, a Medicina foi como que se “emancipando” processivamente da Religião e de suas balizas. Tal separação manifestou-se de maneira cogente após a Revolução Industrial.

Conforme apontam alguns autores,³ os critérios de produção em série começaram a aplicar-se aos poucos à área da saúde, num processo que chegou até aos nossos dias. É dolorosa prova disso a impessoalidade e massificação das relações, destinadas ao bem-estar estritamente físico do enfermo.

Como solucionar esse problema? Em vez de nos perdermos em considerações teóricas, recorramos diretamente à simples experiência da vida real.

Há alguns meses, por motivos pastorais, tive de visitar um hospital. O estabelecimento impressionou-me desde a entrada, onde fui quase “obrigado” a passar em frente a uma bem-arranjada loja de conveniência. Mais adiante, novas surpresas: à direita, a sucursal de uma franquia especializada em chocolates; à esquerda, o representante de um famoso distribuidor de quitutes; ao fundo, uma encantadora livraria... Teria errado de endereço?

Na verdade, não. Sempre ouvimos dizer que certos hospitais buscavam adotar uma apresentação *sui generis*, inspirada nos *shopping centers*, para distrair seus pacientes. A meta não parece mal concebida. Afinal, o que haveria de censurável em circundar o sofrimento com imagens “positivas”, tendo em vista levantar o moral dos doentes? Ademais, o “hospital-shopping” tem a vantagem de produzir, graças às suas lojinhas, lucros suculentos...

Para ser mais exato, sob uma perspectiva biopsicossocial – empregando um termo em voga atualmente –, os profissionais da saúde têm aplicado cada vez mais o conceito segundo o qual a boa recuperação do enfermo depende, em considerável medida, do ambiente que o cerca.

Ora, convém precisar que isso não consiste numa descoberta moderna. Já no século XV o *Hôtel-Dieu* de Beaune tinha o mesmo propósito, com apenas uma diferença: enquanto hoje é necessário fantasiar-se de *shopping* para acalantar os ânimos, os medievais encontravam seu alento na luz tamizada dos vitrais, no convívio com religiosos e freiras de profunda abnegação e virtude, e no frescor da presença sacramental de Nosso Senhor Jesus Cristo. Cá entre nós, eles escolheram a melhor parte!... E é justamente esta “parte” que o *Hôtel-Dieu* de Beaune oferecia

aos seus “hóspedes”, administrando os cuidados da saúde física no ambiente de um mosteiro, próprio a revitalizar o equilíbrio espiritual.

Estaria, portanto, a Medicina medieval à frente da hodierna? Sob certos aspectos, como o acima abordado, ousaria responder afirmativamente. Mas o assunto é por demais complexo para encerrar-se num simplório “sim” ou “não”.

Quiçá outra pergunta conduza a uma resposta mais fácil: se a caridade tivesse continuado a ser o motor do agir humano até aos nossos dias, em

que patamar estaria a Medicina contemporânea? Ou ainda, que modelo de hospital se revelaria mais eficaz para curar até mesmo os corpos: o *shopping center* ou o mosteiro? ✚

¹ Cf. WOODS, Thomas E. *Cómo la Iglesia construyó la civilización occidental*. Madrid: Ciudadela Libros, 2007, p.218.


² Cf. RISSE, Guenter. *Mending Bodies, Saving Souls. A History of Hospitals*. New York: Oxford University Press, 1999, p.141.

³ Ver, por exemplo: SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2004, v.II, p.18-19.



Acima, à esquerda, freiras atendem um enfermo no “Hôtel-Dieu” de Beaune; à direita, o Salão dos Pobres, tendo ao fundo um altar onde se conservava o Santíssimo Sacramento. Abaixo, vista do pátio interno do prédio





Dona Lucília em
março de 1968

*D*ona Lucília possuía uma confiança sem limites na misericórdia de Nosso Senhor e pedia-Lhe perdão por si mesma – porque toda criatura humana tem defeitos – e também por aqueles a quem ela amava, e até por aqueles que não a amavam, mas a quem ela queria fazer o bem.

Plínio Corrêa de Oliveira